

Poesias Escolhidas
da Marquesa de Alorna

SONETOS

Retratar a tristeza em vão procura
Quem na vida um só pesar não sente,
Porque sempre vestígios de contente
Hão-de apar'cer por baixo da pintura.

Porém eu, infeliz, que a desventura
O mínimo prazer me não consente,
Em dizendo o que sinto, a mim somente
Parece que compete esta figura.

Sinto o bárbaro efeito das mudanças,
Dos pesares o mais cruel pesar,
Sinto do que perdi tristes lembranças;

Condenam-me a chorar e a não chorar,
Sinto a perda total das esperanças,
E sinto-me morrer sem acabar.

Feito na cerca de Chelas

Deitei-me sobre a fresca relva um dia,
E dando a um sono leve alguns instantes
C'os prazeres sonhei, que lá distantes
Debuxava a estragada fantasia.

Saturno vagaroso me trazia
Um diadema de lúcidos diamantes,
Enramado de mirtos odorantes,
O qual Cípria na fonte me cingia.

A Fortuna risonha se mostrava,
Mas no disco da roda vacilando,
Voltando-a, me levou quanto eu sonhava.

Já Délio para os mares ia olhando,
E Bóreas, que raivoso murmurava,
Me acordou, como dantes, suspirando.

Petição à melancolia para que se acabem certos dias de festa

Tu, Deusa tutelar da solidão,
Amável sombra, ó melancolia,
Aproxima-te, rouba-me a alegria
Que turba a suavidade ao coração.

Não prives o meu peito, Ninfa, não,
Da tua triste e doce companhia,
Que suspira por ti um e outro dia
Quem de amar-te só faz consolação.

E não .pode a que vive suspirante
Viver entre o tumulto muito espaço,
Sem que faça o seu mal mais penetrante.

Atende, ó Ninfa, o rogo que te faço:
Não demores mais tempo o doce instante,
Os dias tristes, que eu tão triste passo.

Bem como se perturba a clara fonte
Na agitação contínua da corrente,
A minha alma sossego não consente,
Por mais que nos meus ais ânsias desconte.

De cuidado em cuidado, monte em monte
Me leva este pesar que o peito sente;
Sempre diviso aflita, descontente,
Os princípios da luz pelo horizonte.

De que vem este mal? Um mal tão claro
Vem de um vago sentir que na alma pesa...
Amor! serás comigo sempre avaro?

Amor em mim é filho da tristeza!
Eu sinto o coração ao desamparo...!
Pune, ó Deus, pelas leis da natureza!

Dizendo-me uma pessoa que eu nunca havia de ser feliz

Esperanças de um vão contentamento,
Por meu mal tantos anos conservadas,
É tempo de perder-vos, já que ousadas
Abusastes de um longo sofrimento.

Fugi; cá ficará meu pensamento
Meditando nas horas malogradas,
E das tristes, presentes e passadas,
Farei para as futuras argumento.

Já não me iludirá um doce engano,
Que trocarei ligeiras fantasias
Em pesadas razões do desengano.

E tu, sacra Virtude, que anuncias,
A quem te logra, o gosto soberano,
Vem dominar o resto dos meus dias.

Recebendo Piério muita honra na companhia de El-Rei, em Salvaterra

Piério, tu que logras a ventura
De ver benigna a face do Sob'rano,
Compadece-te lá do acerbo dano
Que nos cerca, apesar da fé mais pura.

Não turbes dos prazeres a doçura,
Mas tira saudável desengano
De ver fugir um ano e outro ano,
Enquanto nos persegue a sorte escura.

Vê com quanta incoerência os bens reparte
A Fortuna, que injusta oprime o todo,
Bem que respeite em ti a melhor parte;

Aceita o seu favor de qualquer modo,
Mas não te fies dela de tal arte
Que te esqueça que o bem terreno é lodo.

Esperanças de um bem tão contingente,
Com que fim me andais sempre atormentando?
Se inútil é que eu viva suspirando,
Porque me não deixais viver contente?

Ora fingis distante, ora presente
O motivo do mal que estou chorando;
Fingi-me, se podeis, ao menos quando
Hei-de viver feliz, sendo indiferente.

Se tanto vos aflige o meu sossego
Que o perturbais por modo tão tirano,
Matai-me, que a morrer eu não me nego.

Mas se viva, o destino desumano
Me quere, fugi; que eu triste já me entrego
Ao descarnado e duro desengano.

Em dia dos meus anos

Dia cruel, no qual ao bem resiste
A memória de uns anos desgraçados,
Ou brilha vencedor de injustos fados,
Ou não tomes a vir como hoje, triste.

Porém que digo? Céus! Em que consiste
O emprego de meus votos inflamados,
Se dos terrenos bens tão desejados,
Além da morte, nem um só persiste?

Dure pois muito embora esta violência,
Que o peito martiriza sem piedade,
Que eu assaz me contento da inocência.

E para a verdadeira utilidade,
Receberei, entregue à paciência,
Saudáveis lições na adversidade.

Eu cantarei um dia da tristeza
Por uns termos tão temos e saudosos,
Que deixem aos alegres invejosos
De chorarem o mal que lhes não pesa.

Abrandarei das penhas a dureza,
Exalando suspiros tão queixosos,
Que jamais os rochedos cavernosos
Os repitam da mesma natureza.

Serras, penhascos, troncos, arvoredos,
Ave, fonte, montanha, flor, corrente,
Comigo hão-de chorar de amor enredos.

Mas ah! que adoro uma alma que não sente!
Guarda, Amor, os teus pérfidos segredos,
Que eu derramo os meus ais inutilmente.

Como, importuno Amor, inda procuras
Misturar-te entre as minhas agonias?
Vai, cruel, para onde os alegrias
No seio da Fortuna estão seguras;

Onde em taças douradas, formosuras,
Esgotando o prazer, passam seus dias;
Onde acariciado tu serias
Por quem nem sabe o nome às desventuras.

Ao som de harmoniosos instrumentos,
No peito, que é de pérolas ornado,
Criarás mil suaves sentimentos;

Mas em mim, que sou vítima do fado?!...
Cercada dos mais ásperos tormentos,
Achas uma alma só – e um só cuidado.

Bem pode sobre o cândido Oriente
Soltar Febo os cabelos douradores,
Que quem vive como eu, vê sempre as flores
Tintas da negra cor do mal que sente.

Para mim não há prado florescente,
Tudo murcham meus ais, meus dissabores,
Nem me tornam cantigas dos Pastores
Jamais serena a pensativa frente.

Se triste vou às danças, triste venho;
E quando a noite estende húmido manto,
A segurar o sono em vão me empenho.

Não toco a flauta, versos já não canto;
Cercada de pesar, mais bem não tenho
Que um triste desafogo em terno pranto.

Vai a fresca manhã alvorecendo,
vão os bosques as aves acordando,
vai-se o Sol mansamente levantando
e o mundo à vista dele renascendo.

Veio a noite os objectos desfazendo
e nas sombras foi todos sepultando;
eu, desperta, o meu fado lamentando.
fui coa ausência da luz esmorecendo.

Neste espaço, em que dorme a Natureza.
porque vigio assim tão cruelmente?
Porque me abafa ó peso da tristeza?

Ah, que as mágoas que sofre o descontente,
as mais delas são faltas de firmeza.
Torna a alentar-te, ó Sol resplandecente!

A El-Rei, estando eu muito doente, em Chelas

Um moribundo esforço, um fraco alento,
Indício duma quase extinta vida,
Envia uma infeliz, triste, abatida,
Desde o leito da morte ao Régio Assento.

Modera, ó Soberano, o meu tormento!
Solta o Pai, por quem choro dividida!
Esta voz, já sem força proferida,
Faça em teu peito brando movimento!

Quatro lustros, passados na amargura,
Compreende somente a minha idade;
Entro no quinto, e mais na sepultura.

Ah! consente, Monarca, por piedade,
Que a mão paterna beije com ternura;
Mate o gosto quem morre de saudade!

Em uma doença

Àquele espaço que a alma compreende
Os meus passos dirijo temerosa;
Abre-se a Eternidade, que, horrorosa,
Por multidões de séculos se estende.

Mas neste ponto em que Átropos desprende
O fio de uma vida tão penosa,
A mãe, a cara mãe, triste, saudosa,
O pai, a terna irmã, tudo me prende!

Ideias do descanso roubadoras,
Deixai-me junto aos cândidos altares
Pôr fim tranquilo às minhas tristes horas!

Rompa o espírito em paz liberto os ares,
E completem as Parcas agressoras
Ruínas que fizeram meus pesares.

A FILINTO

Sobre a égloga dos Pomareiros

Morra a memória da famosa Alcina,
Esqueça-se o poder do mago Ismeno,
Que ao melífluo som do verso ameno,
Surtem bosques, comove-se a campina.

Apenas de Filinto a voz divina
Fere, alegre, o selvático terreno,
Calam-se as Musas, 'té se cala Alfeno,
Que o grande Vate todo o Pindo ensina.

Brilha suspenso o Dêlfico luzeiro;
Doce aroma, que os ares embalsema,
Gira em torno do sábio Pomareiro;

E Alcipe absorta, bem que o assunto tema,
Faz ressoar no monte sobranceiro
De rouco Cisne a voz talvez extrema.

A Jesus Cristo

Se a dar-vos morte, ó Deus! um só pecado
Bastou que Adão tivesse cometido,
Eu, que em tantos, Senhor, hei delinquido,
Quantas mortes vos tenho renovado!

Adão, de um só delito horrorizado,
O deixou no seu pranto submergido;
Porém meu coração endurecido
Não duvidou mil vezes ser culpado.

Eu fui, Senhor, eu fui quem descontente
Da morte que vos deram sem piedade,
O peito vos rasguei mais cruelmente.

Se não lavam a minha iniquidade
As lágrimas que choro amargamente,
Ai de mim, na espantosa eternidade!

Se me aparto de ti, Deus de bondade,
Que ausência tão cruel! Como é possível
Que me leve a um abismo tão terrível
O pendor infeliz da humanidade!

Conforta-me, Senhor, que esta saudade
Me despedaça o coração sensível;
Se a teus olhos na cruz sou desprezível,
Não olhes para a minha iniquidade!

À suave esperança me entregaste,
E o preço de teu sangue precioso
Me afiança que não me abandonaste.

Se, justo, castigar-me te é forçoso,
Lembra-te que te amei, e me criaste
Para habitar contigo o Céu lustroso!

De três

FÍLIS

O Zéfiro em silêncio lisonjeia
Destes vales os álamos frondosos,
Doce frescura espalham amorosos
Os regatos brincando pela areia.

LÍLIA¹

Que pouco um peito aflito se recreia
Pelos templos de Flora deleitosos!
Que objecto vêm com gosto olhos chorosos,
Se a torrente das lágrimas medeia?...

MÁRCIA²

Não vejo ser que o peito não soçobre,
Nem tu, Mudança, escutas meus clamores,
Por mais que os sons variados neles dobre.

Entre teu leve manto furta-cores
A ventura diviso, que se encobre,
Deixando-me tragar dos dissabores.

¹ *Lília*: Eu (Nota da Autora).

² *Márcia*: Minha irmã D. Maria de Almeida, que foi depois Condessa da Ribeira (Nota da Autora).

De três

FÍLIS

Escassamente o sol já se mostrava
Entre a sombra que as luzes lhe encobria;
Dos pássaros o canto que se ouvia
A ternura e saudades inspirava.

MÁRCIA

Já o mocho nocturno se escutava,
Que o retorno das trevas prevenia;
O terror que no peito meu descia
Triste pranto dos olhos me arrancava.

LÍLIA

Larguei a voz então aos surdos ventos,
Que nas cavernas ásperas, com brados,
Convocavam os sustos macilentos;

Aos soltos ais, nos montes espalhados,
Não respondem os seres sonolentos,
Que não há quem responda aos desgraçados.

Enquanto Plério tocava flauta

Do teimoso desgosto a mão nefanda,
Que o coração me estava comprimindo,
Com susto se desvia, e vai fugindo
Ao Báratro, após Mégera execranda.

Nascei, versos, ao som da flauta branda,
Recreai as Deidades lá do Pindo,
Vá-se o canto sublime, vá-se abrindo,
Que Délio, o mesmo sacro Délio o manda.

A Camena altas músicas descante,
Co'a cítara aspergida de ambrosia,
Em honra de Piério hinos levante.

Ó Paz, filha de Apolo e de Harmonia,
Descansa no meu peito um doce instante,
Roubemo-lo ao domínio da agonia!

À Música

De um véu de nuvens finas, guarnecido
De oiro puro, se touca a tarde fria;
Do Céu foge ligeiro o frouxo dia,
A sombra envolve o vale desabrido.

Já sem pejo, por Délio ter fugido,
Solto a voz em demanda da alegria;
Quieto o vento nada respondia,
Entre as folhas e flores recolhido.

Cantei, cantei, até cansar do peito,
E conheci então como a cantiga
Produz contra o pesar mágico efeito.

Assim zombo de ti, sorte inimiga!
Todo o triste que a penas vive afeito
Não chore, pois cantando é que as mitiga.

A Robertson, subindo em um balão, e descendo no pára-quadras

Deu nome às águas Ícaro, morrendo.
Ícaro novo, os ares invadindo,
Placidamente aos astros vai subindo,
E de lá sem soçobro vem descendo.

Tanto excede na glória este vencendo,
E obstáculos sem conto desmentindo,
Esse, que a presunção pagou caindo,
E no fatal despenho perecendo!

Mancebos presumidos destas eras,
Não fique para vós o exemplo mudo!
Despejai a cabeça de quimeras!

Ciência, aplicação, método, estudo
Põem os homens acima das esferas:
Pouco importa empr'ender, saber é tudo.

*Quando assentaram praça o Marquês de Fronteira, e seu irmão D. Carlos
Mascarenhas, netos da Autora*

Junto às aras de Numes fabulosos
Os mancebos de Atenas se juntavam,
E pela Pátria e Fé ali juravam
Dar a vida em combates sanguinosos.

Fiéis aos juramentos, animosos,
As mais tremendas lides arrostavam,
E ou de louros eternos se c'roavam,
Ou seguiam os Manes tenebrosos.

Juraste. Vê perante quem juraste!
Vê com que acções os teus te precederam,
E o que impõe a carreira que abraçaste!

Os teus e os meus, que o Reino defenderam,
Querem de ti que proves quanto baste,
Que desta raça só heróis nasceram.

Por ocasião de partirem dois moços para a guerra

Para mim nasce o Sol sem claridade;
Envolve-me em tal susto o meu cuidado,
Que nele o pensamento concentrado
Me encobre quanto é menos que saudade.

Embora a Pátria, a honra, a heroicidade
Exija o que poupou meu triste Fado,
Não vacilo: duas vítimas ao Estado
Oferta, voluntária, a lealdade.

Mas que dor, que tormentos e agonia
Mas arranca do peito c'um suspiro,
Que desculpe a materna simpatia!

Neste aperto aflitivo, se respiro,
Não vivo já; pois morro cada dia,
De morrer acabando, quando expiro.

A minha Mãe

Natureza! quais leis dificultosas
Ao brando coração meu impuseste!
A quais devo seguir, com quais quiseste
Subjugar as paixões imperiosas?

Quando escuto da Mãe vozes queixosas,
Que me pedem a filha que me deste,
Arranco-a do meu peito a que a prendeste,
Sem ver deste as feridas sanguinosas.

Mas apenas cedi, mais alto bradas,
E do materno amor golpe violento
As entranhas me deixa laceradas.

Se a não largo, qual é o meu tormento!
Se lha dou, quantas horas desgraçadas!
Bárbara lei, difícil vencimento!

A um filho da Autora que morreu poucos instantes depois de nascer

Enfim, passaram estas tristes horas
Que o destino cruel tinha prescrito,
E das minhas entranhas ao Cocito
Te levam, filho, as Parcas agressoras!

Lá do seio da Morte, onde hoje moras,
Não venhas lacerar-me o peito aflito;
Da consternada mãe escuta o grito,
E fica em paz nas trevas dormidoras.

Mas ai de mim! querido desgraçado!
Se ao menos no meu terno pensamento
Tu podes existir, cresça o cuidado!

A força do materno sentimento
Te fará renascer, filho adorador,
Bem que eu morra de angústia e de tormento.

Às minhas filhas, longe delas, em Inglaterra e doente

Não tem havido mal que eu não suporte;
O Fado contra mim tudo provoca.
Desfalecido o peito, a voz já rouca,
Em vão invoco um ser que me conforte.

Adeus, queridas filhas! Chega a morte;
Ouço a trombeta que um arcanjo emboca,
Na eternidade o tempo se me troca,
E pela tumba fria a Pátria, a Corte.

Encham de honra e piedade este intervalo,
Certas de um fim que a todos se avizinha;
Que já não vivo, escutem sem abalo.

O maior dom dos Céus na mão já tinha;
Porém faltam-me os dias de logrã-lo:
O mundo é para os mais, a cova minha.

Achando-se a Autora doente, em perigo de vida

Este ser, que me deu a Natureza,
Vai desorganizando a enfermidade;
Sinto apagar da vida a claridade,
Doma as corpóreas forças a fraqueza.

Vai crescendo em minha alma a fortaleza,
Quanto cresce do mal a intensidade;
As portas áureas me abre a Eternidade,
E lá cessam cuidados e tristeza.

Vou amar quem somente é sempre amável,
Em oxigéneas luzes abrasar-me,
Nunca errar, nem temer gente implacável.

Vou nos jardins celestes recrear-me,
E no seio de um Deus justo, adorável,
A tudo o que me falta associar-me.

No dia 24 de Julho de 1834, estando muito doente

Adeus, Sol, de outro Sol imagem bela!
Para mim vão teus raios apagar-se;
Vai minha alma ansiosa colocar-se
Onde não há receios, nem cautela.

Em doce paz, sem susto de perdê-la,
Há-de enfim ao Supremo Bem ligar-se;
E da maior delícia irá fartar-se,
Transmigando feliz de estrela a estrela.

Não tardes, hora! Evita que este dia
Funeste, recordando antigas penas,
Costume inveterado de agonia.

Não me presentes mais glórias terrenas,
Sem que as possa gozar; é tirania,
Pois de Tântalo à sede me condenas.

Em resposta a Jónio

Tempera noutro som essa áurea lira;
Não crê Alcipe que te causa espanto.
O seu plectro, banhado há muito em pranto,
Destoa, geme, queixa-se, delíra.

Ela assusta-se quando alguém a admira;
Com a luz da Razão destrói o encanto,
Pois do Fado o rigor tem sido tanto,
Que, se canta, conhece que suspira.

O fogo com que Délio resplandece
Só é dado a quem tem contentamento;
Cercado de pesares, esmorece.

A Ventura é quem dá ao verso alento;
Sem ela o génio pasma, desfalece,
Cala-se a Musa, encurta o pensamento.

À memória de EI-Rei D. João IV, em 1810, no tempo da invasão dos Franceses

Sombra Régia! se a minha lira nada
Quebra da morte o empedernido muro,
Lá te leva meu canto incenso puro,
Qual arde na minha alma, que não muda

Em vão porém maldade ardis estuda.
Atrás desse pendão, nobre e seguro,
Que os quarenta guiou, a vós procuro,
Pois não há cá no mundo quem me acuda.

Basta-me a mim, que adoro o Nome vosso,
Que o vosso Neto e gente assinalada
Os loiros murche ao gaio e seu colosso.

Com mão afeita ao fuso, não à espada,
A Pátria sirvo como sei e posso.
Feliz se aos mortos o que faço agrada!

Lusitânia querida! Se não choro
Vendo assim lacerado o teu terreno,
Não é de ingrata filha o dó pequeno;
Rebeldes julgo os ais, se te deploro.

Admiro de teus danos o decoro.
Bebeu Sócrates firme o seu veneno;
E em qualquer parte do perigo o aceno
Encontra e cresce o teu valor, que adoro.

Mais que a vitória vale um sofrer belo;
E assaz te vingas de opressões fatais,
Se arrasada te vês, sem percebê-lo.

Povos! a independência que abraçais
Aplaudes, alegre, o estrago, e grita ao vê-lo:
«Ruína sim, mas servidão jamais!»

CANÇÕES

Ao Despotismo

Pensamentos, nasci, que Apolo o manda!
Atrevidos nasci, em liberdade!
Quando a mão execranda
Do Poder ou da fera atrocidade,
Vos queira comprimir o voo altivo,
Soltos voai, impávidos rompendo
O véu em que a mentira
Quere simuladamente ir-se envolvendo!

Contra a luz da justiça, tremulando,
Assustados os vícios se arremessam,
A máscara rasgando;
Com vacilante pé, coxos, tropeçam
Ante o gesto brilhante da verdade,
E vão bater co'as formas espantosas
Nos escolhos medonhos
Que as Fúrias acarretam, cavilosas.

Levantai-vos, clamores, do meu peito!
Não peses, mão, co'a força das cadeias!
E' vergonhoso efeito
Do Despotismo, limitar ideias;
Os sustos pusilânimes nasceram
No seio deste monstro assaz fecundo;
Dele, ai de nós! derivam
Os males que hoje inundam todo o mundo.

Como te pintará meu verso triste?
Despotismo cruel, tua face vejo!...
Com Jove te mediste,
Altivo levantando a voz sem pejo,
Antropófago cru, lavado em sangue,
Monstro sem lei, que as leis todas despreza,
E arrasta sem vergonha
O código da sábia Natureza.

Tu, enérgicas almas abatendo,
Em lugar da virtude generosa,
Nelas foste acendendo
Aduladora chama melindrosa.
Do vil receio os corações dominas;
Decorado dos trajés da Prudência,
E espíritos arrastras
Ante as aras profanas da indecência.

O Fanatismo segue-te choroso,
Cinge a corda, o cilício não despreza;
Mas punhal sanguinoso
Esconde para a vítima indefesa;
Levanta os olhos para o Céu que argúe
Com brandos sons, com vozes simuladas;
As entranhas lacera,
E a fraude guia às mentes subjugadas.

Solta, ó Jove, os teus raios sobre o impio!
Cibele antiga, traga este tirano!
Surge, ó severo brio!
Virtude! surge, e vence o nosso dano!
Se uma vítima falta ao Despotismo,
Lília³ se oferece aos fados tenebrosos;
Farte em mim seus furores,
E os mais homens, enfim, sejam ditosos.

³ *Lília, Lise e Laura*, são nomes poéticos que a Autora adoptou para si antes de se chamar Alcipe, nome que lhe foi posto por Francisco Manuel do Nascimento, segundo ela mesma diz em uma nota (Nota da 1ª edição).

Escutai-me, altos muros pavorosos,
Regiões de silêncio e de amargura!
Canções de mágoa pura
Gemente solte a lira ao desamparo.
Volve a elástica luz aos Céus formosos,
Se Febo a manda ao vale;
Mas em vão quere a sorte que eu me cale,
Forçando o mesmo Febo a ser avaro.

No peito aflito surge novo canto;
Nasce em nós a harmonia da tristeza;
Exprime com clareza
Um triste a dor que sente, as mágoas suas;
A lira move mais lavada em pranto,
Que de louro virente
Pela Musa enramada, alegremente
Cantando Amor e as lindas Graças nuas.

Que momento haverá que me não desse
Assunto a canto lúgubre e sentido?
Que gesto embravecido
De Fortuna sem tino se olharia
Que contra mim bramindo não volvesse
As mãos estragadoras?
Que não faça colheita em curtas horas
Dos mais ténues indícios de alegria?

Vi daqui a inocente Liberdade,
Qual uma pomba cândida e mimosa,
Vir pousar-se, gostosa,
Sobre os mesmos grilhões que arrasto aflita;
Mas quando o peito (asilo de amizade)
Co'as asas branda afaga,
Repara que Fortuna tudo estraga,
E volta aos leves ares onde habita.

Com vagos pensamentos e suspiros
Que um doce, ignoto fogo em mim criava,
O lindo Amor chamava,
A quem nunca pensei fosse importuna
A reclusa inocência dos retiros;
Mas o rapaz medroso,
Sem dó do triste peito lastimoso,
Nunca me ouviu, com medo da Fortuna.

Vibrava o ar ligeiro, terno acento,
Tecido na inflamada fantasia;
Somente o ar gemia,
E aos reflexos que Délio cintilava,

Só trabalhava o simples pensamento.
Assim meus cruéis danos
Menos ríspidos fiz, menos tiranos
– E disto o mundo estulto murmurava!...

Já tudo me fugiu, já não escuto
Mais que o surdo rumor que a mágoa excita.

Acordai, ternas aves, com meu canto!
Esposa de Titão, suspende o pranto!
Se ao filho querido
No peito enternecido
Crias de pranto amargo inda um tributo,
O rosto mal enxuto
Volve a mim, pois que faço hoje a saudade
Primeira saudação da claridade.
Lança os olhos celestes
Nestes campos agrestes,
Suprema Divindade, e reconhece
O asilo em que a minha alma desfalece.
Se males não vulgares
São, Titónia celeste, os meus pesares,
Olha de lá do Céu,
Esquecerás teu dano pelo meu.

Por mais que espalhes rosas matutinas,
Por mais frescas boninas
Que à madrugada o lindo prado ofereça,
Não há bem com que os males meus esqueça.

Em vão, submissa, a dura sorte imploro;
Insensível ao choro,
Aos ais que hoje derramo,
O Destino, que eu chamo,
Indignado responde aos meus clamores,
E cruelmente aos lábios meus aplica
A taça adonde encerra os seus furores.
Em vão queixoso explica
Meu peito em seus suspiros
Os danos meus às grutas, aos retiros:
Átis, se ouve, num tronco transformado,
Insensível se mostra ao meu cuidado;
Anaxarte, que a rocha inda mais dura,
Não se comove à minha desventura;
O Tejo, que algum dia, se eu cantava,
Erguido sobre as ondas me escutava,
Hoje nem se enternece,
E ao som dos meus gemidos adormece.
Bem pode alguma Ninfa, comovida
De ver tão triste vida,
Contar a minha história com ternura
No bosque ou na espessura:
Os pastores, tão duros como as penhas,
Ao som da branda avena,
Comentam c'um sorriso a minha pena,
Mostram mais que de feras ter entranhas.

Pois que inútil meu canto ao vento entrego,
Cantiga, te dissipe o fero vento.
Oh! permitisse o Céu, por meu sossego,
Roubar-me a causa até do pensamento!

Aos Pássaros

Sensíveis Passarinhos, até quando
Nesses brandos gorjeios que formais
Haveis de copiar meus tristes ais?
Hei-de viver convosco suspirando?
Convosco falam
Estes gemidos,
Que, enternecidos,
Grutas, penhascos, montes, tudo abalam.

Quanta inveja vos tenho, ternas aves,
Que explicais, nesse canto delicado,
Talvez o mesmo que eu num triste brado,
E fazeis vossas mágoas mais suaves!
Oh! se algum dia
Eu, suspirando,
Tornasse brando
O motivo do mal que me agonia!...

Nos salgueiros, nas frescas bordas de água,
No toско seio de algum tronco informe,
Asilo a vosso gosto achais conforme,
E eu choro em desamparo a minha mágoa.
Do fado injusto
Choro o delírio,
E o meu martírio
Grava Amor em meu peito com bem custo.

Bem que, aves, fôsseis ninfas engraçadas,
E que o fogo amoroso ou terna história
De vós mesmas conserve só memória,
Nos gestos infelices transformadas,
Cortais libertas,
Gemendo, os ares,
E os meus pesares
Eu choro entre prisões, que, ó Fado, apertas!

Se a filha de Corónis sofre a pena
De ver perdido o gesto encantador,
Por clamorosos ais a mágoa, a dor
Faz ouvir a que Palas a condena.
Ao universo,
Voando, a explica,
Enquanto indica
Somente o que eu padeço um rude verso.

Eu vejo suspender-se a natureza
Aos ais que lá no centro do retiro

Exala Filomela; um só suspiro
Da voz não lhe interrompe a fortaleza.
Nem por ventura
Ressoa a gruta;
Atento a escuta
O bosque todo envolto em noite escura.

O quieto silêncio, a obscuridade,
Que geram mil saudosos pensamentos,
Parece que das aves aos tormentos
Por estímulo servem, de piedade.
Queixo-me em vão,
Pois meus gemidos
Ficam perdidos
Nesta insensível, negra solidão.

Basta, triste Canção, que a noite escura
Já manda recolher aos caros ninhos
Os suspirantes, ternos passarinhos,
E em vão lhes conto a minha desventura.
Quando nascer
A madrugada,
Eu, magoada,
Tornarei o silêncio a interromper.

Às Águas

Turbate son l'onde
Del saggio Hyppocrene.
E Apolle diviene
Ministro d'Amor.

Metast. *Asil. d'Amore*

Claras águas, de que ouço o murmúrio,
Calado bosque, ermo, que sombrio
Abrigas em teu centro o escuro medo;
O mais terno segredo
Vem Alcipe fiar-vos no seu canto.
Doei-vos, selvas tristes,
Das mágoas que me ouvistes,
Desde que a voz queixosa aos Céus levanto.

Não são as minhas mágoas, não, vulgares:
Inventou para mim novos pesares,
No seu furor, a sorte mais adversa.
Águas! quanto diversa
Junto das vossas margens 'stive um dia
– Um dia só contente,
Que o fado cruelmente
Alonga a dor e encurta uma alegria!

Ali na fresca areia destas praias,
Repousando-me à sombra de altas faias,
Via passar a plácida corrente;
Versos alegremente
Ditava Amor ao brando som da lira;
Os Génios namorados
Me contavam cuidados,
Que escutam de Citera a quem suspira.

Nas verduras meus olhos alongando,
Passava o tempo leda; um gesto brando
Enleava meus ternos pensamentos;
Jamais os sonolentos
Filhos do Érebo, males desumanos,
O seu negro vapor Espalharam ao redor
DQ asilo em que passei meus tenros anos.

Quantas vezes a Musa me guiava
Ao lugar em que terno suspirava
Petarca saudoso, que em Vacluso
Suave fez o uso
Da cítara cadente, repetindo
Aquela branda história

Que lhe pôs na memória,
Com as farpas de Amor, um gesto lindo!

Aonde os pensamentos me levavam!
Par'cia-me que as Musas enlaçavam
Com fios de oiro as ramas do loureiro;
Depois, que o Deus flecheiro,
Verdes mirtos colhendo, os ia unindo
À formosa capela
De que a Musa mais bela
C'rou Petrarca – *Laura* – repetindo.

Sonhos vãos que forjava a fantasia!...
Prazeres que benigno Amor fingia!...
As Dríades me ouviram mil canções,
Que aos ternos corações
Excitaram mil gratos sentimentos.
Hoje, nos troncos duros,
Dos meus fados escuros
Escrevo os tão diversos movimentos!

A minha antiga Musa se desvia,
Só me inspira a cruel melancolia;
Outro Apolo não tenho que o meu dano.
Às vezes de ano a ano
Uma triste cantiga solitária
No centro do retiro,
Seguida de um suspiro,
Arranca de meu peito a sorte vária.

Ó Nai'des, que do fundo desta fonte
Ouvís o mal que Amor manda que eu conte,
Se acaso minhas lágrimas saudosas
Distinguirdes, piedosas,
Ah! condoei-vos, sim, do dano meu!
Se o mal que eu choro tanto
Paga outro terno pranto,
Dai-me a sorte feliz do claro Alfeu!

Canção, vai, que a levar-te não me atrevo;
Segue longe do meu outro destino;
Enquanto nos pesares que imagino
A minha acerba dor eu, triste, cevo.

IDÍLIO

Quando, pela moléstia de peito que então sofria, me desenganaram de que não tinha remédio enquanto estivesse em Chelas, e havia inteira impossibilidade para mudar de sítio

Cordeiros meus, que em tempo mais ditoso
Fazíeis a delícia dos meus dias,
Escutai os gemidos lastimosos
Com que Lília, nas bordas do sepulcro,
Vos envia um adeus, com que saudade!

Passou ligeiro o tempo em que, contentes,
No mais alto do monte, consagrado
Aos cânticos das Musas, felizmente
Vos nutríeis de um pasto que regava
A fresca Aurora co' a porção mais pura
Do pranto que dedica ao filho amado.
Gostáveis um licor sacro e sublime,
Que a alma inflama dos cândidos Pastores,
E os obriga a cantar suavemente
Seus amores nas flautas sonoras.

Que pacíficos gostos eu lograva,
(Ó milagres de Délio!) quando apenas
Da minha pobre avena, mansamente
Os inocentes colos estendendo,
Sentir parecíeis vós esse meu canto,
Parecíeis aplaudir os meus acentos,
Em que a Amor perdoava as travessuras
Com que afligia os míseros pastores!

Outras vezes, que a Amor chamei tirano,
Que só cantei as graças da inocência,
Com que pressa, Cordeiros, me cercáveis,
E co' a paz que meus versos inspiravam
Entre os braços do sono vos perdíeis!
Ó memória suave, onde me levas!...
Tais como as densas nuvens que no Inverno
As estrelas aos olhos vão roubando,
A distância me faz ver esse tempo,
Ditoso, mas perdido, ir já cedendo
Ao tirano poder do esquecimento.

Neste vale cruel, onde a desgraça
Ordena que termine os tristes dias,
Escuto só os ventos rugidores,
Arrancando da terra os verdes freixos,

Que abrigavam co'as frondosas ramas
Comigo a terna Márcia, a cara Tirce.
O rebanho de Agrário pelos montes
Somente deixa ouvir tristes balidos,
Disperso, quase extinto! Com que pena
Meus olhos tal objecto consideram!...

No espaço imenso dos passados sec'los,
Com passos apressados se sepulta
O tempo, que não cessa. A horrenda morte
Com que aspecto a meus olhos (tristes olhos!)
Os descarnados ossos apresenta!
Levanta com furor a enorme fouce,
(Que susto!... ó Céus, valei-me!...) que pendente
Vejo sobre a cabeça... Mostra, irada,
O voraz apetite com que esperava
Fazer presa em meus dias brevemente!

Cordeiros, minha doce companhia,
Com quem já reparti os meus prazeres,
Quando da morte o lívido semblante
Vos mostrar com horror minha figura,
E não puder a mão, trémula e fria,
Sustentar por mais tempo o meu cajado,
(Que jamais vos serviu para castigo,
Que à fonte vos guiava, que ao redil
Vos levou tantas vezes ao descanso)
Ah! não deixeis que algum Pastor profano
À minha Tirce o roube; a minha lira
Nele deixo pendente de um grillhão
Que o maligno Cupido, na cabana
Da mesma Tirce amada, subtilmente
Me trocou pela minha liberdade.

Nos versos meus, que eu confiei dos troncos,
Deixo a fúnebre história dos meus males.
Não consintais que o musgo, o tempo, a sorte
A memória sepultem do que eu sinto,
Antes que os claros olhos do meu Nume
Derramem, quando os lerem, terno pranto,
E que à memória da constante Lília
Pague Amor os extremos que lhe deve.

Ah! possa a mão de Tirce inda algum dia
Ao querido Pastor, ao Pai amado,
Com os dons que lhe restam, de uma filha
Compensar os suspiros que hoje exala!

Oh! feliz sorte a vossa, triste a minha,
Cordeiros inocentes, que aos desastres

Insensíveis viveis, que da saudade
Não provais a violência, o golpe amargo!
Não sofreis o poder fero e tirano
Deste duro farpão, que rasga o peito,
Monstro que a alma devora sem piedade.
Ficai sempre felices, sempre alegres,
Que eu, sem ver os objectos que adorava,
Acabo... ó Céus!... meus dias... na amargura!...

ODES

Às Parcas

Voai, votos sinceros, votos puros,
Suspiros da minha alma, meus gemidos,
Cercai esses sepulcros horrorosos,
Movei as tristes cinzas!

Ossos mirrados, descarnados membros,
Sombras da morte, lívidos semblantes,
Manes errantes sobre tristes bordas,
Escutai meu lamento!

Aonde estais, Supremas Divindades,
Inexoráveis filhas do Destino?...
Sobre altares de rosas consertados
Não faço sacrifícios.

Eu não invoco os Numes saudáveis
Que presidem ao claro nascimento
Do mortal que depois cercam desgostos:
Invoco as feias Parcas.

Sobre os túmulos tristes, que a memória
Só conservam da morte, escolho as aras,
E, misturados c'o vapor dos mortos,
Voam meus ais sentidos.

Pela mãe conduzida, desces, Deusa,
Com passos firmes, inflexível Cloto,
E no fundo da triste natureza
Soa voz poderosa.

Treme o mortal, que nesse rosto pálido
Fixa os olhos, de lágrimas banhados,
E apenas acostuma a fraca vista
A teu medonho aspecto.

Já Láquesis ansiosa volta o fuso;
Acumulando dias sobre dias,
Com ímpeto os sepulta tristemente
No acerbo esquecimento.

Treme a terra; as palpitantes almas,
Das bordas do sepulcro espavoridas,
Quase, de entre os suspiros, que se arrancam
Já dos humanos laços.

As três irmãs, as voadoras Horas,
Contemporâneas do antigo Tempo,
Incansáveis nos ares se suspendem,
De susto estremecendo.

Parecem os momentos preciosos,
A leve ocasião medrosa voa,
E já da luz aos raios vão fugindo
O sono e a noite densa.

Num escolho quebre as ondas o mar negro,
Rasgue os ares o raio fuzilante,
Rebente em tempestade a nuve' escura,
Que o Sábio não vacila.

Entre montes de fumo e negro lume,
Nos ares vibra o gesto descorado
De Átropos... e o pálido desmaio
Cobre o mortal semblante.

Sobre o vento com fúria desmedida,
Bóreas arranque os troncos na espessura,
Em granizos e raios se desfaça
A nuvem tempestuosa.

Turbe-se o ar, vacile o pavimento,
Ao fundo corra a nau, os bens se percam,
Que na fatal boceta inda nos resta
O raio de esperança.

Mas se tu desces, Deusa, de teus golpes
Quem poderá fugir? Qual gruta escura,
Qual segredo da terra nos esconde
Dessa fatal tesoura?

Entre o prazer, nas mesas delicadas,
De mirtos florentes adornados,
Cuidamos de esconder com a alegria
Da vida o ténue fio.

Cercados dos Amores, mil falanges
A tua fúria opomos, defendendo-o;
Resguardam-no mil bens acautelados,
Ó Céus! que inutilmente!...

Nos Cíprios bosques, nos suaves leitos,
No seio do prazer, somente um sopro
O levanta, e tu, logo apercebida,
O fero golpe vibras.

Ali colhes da moribunda boca
O derradeiro, o último suspiro;
Ali te fartas, sim, de sangue humano,
Já meio congelado.

E logo, sacudindo as asas, largas
Sobre o terreno o mísero despojo,
Pálido, frio, pasto em poucas horas
Da corrupção faminta.

Tu, suprema Deidade, tu me escuta!
A ti voam meus votos; não te peço
Que respeites meus dias; ‘stou cansada
De lutar c’o desgosto.

Porém escolhe o instante em que eu respire
Tranquilamente, unida co’ a virtude.
Cloto! deixa que a paz sustente um pouco
Esse fero instrumento!

E tu, Láquesis, tu, Deusa inumana,
Que imerges na amargura o fio triste
De meus anos; consente que o que resta
Doure a tranquilidade!

Se aplacar-vos consigo, ó Deusas, voto
Equivocar meu último gemido
Com um sorriso brando, a voz extrema
Ser bendizendo as Parcas.

*À delícia da amizade*⁴

Que me importa que os loiros da vitória
Cinjam a testa ao vencedor altivo,
No tempo em que aos aplausos se misturam
Os gritos dos vencidos?

Que em doirada carroça ostentem glória
Os validos do Fado, dando preço
Aos perecíveis dons que ora concede
Ora nega a Fortuna?

Que invejamos, Almemo? Qual bem pode
Medir-se co'as delícias da amizade?
Luzir como os momentos que domina
A sã filosofia?

Nestes humildes tetos que habitamos
Mora Virtude e Paz; seu rosto amável
Não nos mostra o desdém com que se afasta
Dos soberbos palácios.

As suaves Camenas, que só tecem
De loiros imortais dignas capelas,
Co'as pindáricas folhas nos adornam
As frentes e as cabanas.

Nas águas puras a sede apago;
Vejo a cópia dos nossos sentimentos;
Correm sem violência, claras correm
No sequioso prado.

Tudo me alegra, toda a natureza
È pasto dos meus doces pensamentos;
Contigo, Young, Horácio, Márcia e Tirce⁵,
Habitó o Elísio campo.

Ó seres imortais! no eterno templo
Do divino prazer mais bem se encontra?
Ou quis benigno o Céu que a terra visse
Parte do bem supremo?

Vulgo insensato, que seu preço ignoras,⁶
Leva os Olhos profanos a outra parte;
Ah! não venhas turvar, não, os prazeres
Dos filhos da amizade!

⁴ Feita nas horas do silêncio, em Chelas. (Nota da Autora).

⁵ A irmã da Autora e D. Teresa de Melo Breyner, Condessa do Vimieiro (Nota da 1ª edição).

⁶ *Odi profanum vulgus, et arceo*. Horácio, L. 3º, Od. 1ª (Nota da 1ª edição).

Poder do génio e da razão

Espírito, que rompes leve os ares,
E ou já no seio amável de Polímnia,
Ou sobre vários mundos, Pindos novos,
Discorres sem limite;

Vê em torno de ti minhas cadeias,
Em pedaços desfeitas; os estorvos,
Objectos de teu riso e teu desprezo;
Bate ligeiro as asas!

Quem pode constranger a ideia humana?
Quem da firme razão quebra o ditame,
Opondo-lhe distâncias, ferros, muros?
Quem nos divide, Agrário?⁷

Aqui, onde a matéria me circula
E o curto espaço quase me sufoca⁸,
Fechando os olhos, triste, ao negro objecto
Que os grilhões me apresentam,

A mente me rodeia a luz de Apolo,
E em cantigas as Musas desenvolvem
Os segredos que Palas traz recentes
Do cérebro de Jove.

Pouco importa que os séculos passados
Um Sócrates absorto aos Céus presentem;
Que Platão, meditando a Divindade,
Respire o ar de Atenas;

Que do frio Danúbio as praias honre
Do sábio Alceste⁹ o berço venturoso,
Que ou já na sociedade, ou no retiro
Profunde a natureza;

Que Almeno¹⁰ lá nos ermos solitário
Derrame nos seus números suaves
O espírito de Horácio, imagens lindas
Que as Musas lhe debuxam.

Tece a pura razão áurea cadeia,
E num tempo, num sítio une gostosa
A Sócrates, Platão, Alceste, Almeno,

⁷ *Agrário*, meu pai, que estava então preso no Forte da Junqueira (Nota da Autora).

⁸ Aludo à minha cela no Convento de Chelas (Nota da Autora).

⁹ O Doutor Inácio Tamagnini (Nota da Autora).

¹⁰ Frei José do Coração de Jesus (Nota da Autora).

E Alcipe, que os estuda.

A Filinto e a Albano, a respeito dos seus versos

Que escuto! a voz de Febo?! em coro as Musas?!...
De Filinto e de Albano os doces versos,
Essas cópias da bela natureza,
Que ao Pindo me transportam?!...

Albano, em cuja voz as Musas falam,
Em cujos beijos canta Filomela...
Filinto, que em seu voo Píndaro alcança,
Quando as palmas o adornam...

Cantai, cantai, ó Vates, que renovam
Os antigos milagres estas selvas,
E debaixo das folhas destes freixos
As Driades vos ouvem!

Quanto pode a harmonia de tal canto!
Parece que sensíveis estes troncos
Fremem de gosto, e, as folhas revolvendo,
O fresco orvalho entornam.

Que suave impressão provam as flores!
As corolas abrindo, cheiro exalam
Tão doce, que nos ares perfumados
Se respira a saúde.

A paz desce serena, e se repousa
Na ramagem das árvores frondosas;
Não sopra o vento, nem gemido triste
Rola sentida solta.

Ó Deusas que inspirais tão claros Vates,
Pasmai, que outro prodígio se descubra!
Vede o aspecto feroz do meu desgosto
Menos medonho um dia!

Nos ignotos segredos de meu peito,
Onde sopra tristeza seu veneno,
Descer vede, guiado das cantigas,
O suavíssimo alívio.

Gabe-se embora Orfeu, que as portas abre
Do Averno pavoroso, que suspende
Do Cão trifauce os ladros vigilantes,
Que as Fúrias adormece;

Vá co'a lira sonora após a morte,
E da mão sanguinosa arranque a presa;

Ao esfaimado ladrão da vida humana
Roube Eurídice cara;

Duas vezes passe a Estígie sem receio;
Vença o barqueiro avaro, que não deixa
De retorno esperança ao viajante
Que já sulcou tais ondas;

Sim, clamores eternos se suspendam;
As águas parem; o aflito sequioso
Beber possa a torrente que lhe foge.
Não invejes, Filinto,

Não receies, Albano, que na Trácia
Haja cantor que só tal glória obtenha.
Se abrandais de meus danos a dureza
Já fica Orfeu vencido.

Ah! vede do alto assento para baixo
Em menos preço acções que o mundo atroam:
O filho de Critéis¹¹ julgar pequenas
As proezas de Aquiles;

À vista deste monstro, já por terra,
Ensanguentado Alcides mostrar triste
Do Nemeu o despojo formidável,
Pacífico o Erimanto.

¹¹ *Critéis*, mãe de Homero (Nota da 1ª edição).

*Ao túmulo de minha Filha*¹²

Feliz quem pode com ligeiros passos
Calcar da morte a larva sonolenta,
Entregando à escura Eternidade
As horas da tristeza!

Sombras da Noite) lúgubres ciprestes,
Que o sol, medroso, da sua luz não toca,
Vós guardai um tesouro, que rodeiam
Mil gemidos maternos!

Tuas cinzas, ó filha, com que eu cubro
De morte e horror as horas mais ditosas,
C'o sopro dos meus ais revolvo sempre,
Cobrem-me a frente aflita!

¹² Maria Regina, que morreu de mui tenra idade, em Viena de Áustria (Nota da Autora).

A MEU FILHO

(Imitada da ode 2ª do livro III de Horácio:)

Angustam, amici, pauperiem pati, etc.

Ano de 1813

Convém que aprenda nas mavórcias lides
O mancebo a sofrer dura pobreza;
Que co' a lança enristada rompa os Francos,
Pasme os Bretões vaidosos,

Que no seio do risco os dias passe,
Que na rasa campanha passe as noites;
Que ao fero aspecto seu tremam de susto
As esposas e as noivas.

– «Ai de nós! (suspirando, aflitas digam)
Não queira o Céu encontrem os consortes
Lião tal, que entre mortes ira impele
A devorar quem topa».

Pela pátria morrer é nobre, é belo!
Inútil é fugir; persegue a morte
O tímido que vil as costas volta;
Não dá quartel aos fracos.

Eia, filho! A virtude não aceita
Repulsas que lhe envia a torpe inveja;
Não dependem do arbítrio vão da plebe
Honras que intacta alcança.

Pelos ares vedados abre estrada
Aos Heróis imortais, aos Céus os leva;
Longe do térreo lodo e vulgo insano,
Rápido voo toma.

Prémio certo também alcança aquele
Que, os mistérios divinos respeitando,
No coração os guarda, e a vida inteira
A Deus e ao bem consagra.

Não quisera viver com! quem profana
Religioso rito; aventurar-me
No mesmo lenho, sobre as ondas bravas,
Com infieis, com ímpios.

O desprezo das leis os Céus irrita.

Quem sabe se inocentes e culpados
Confundiria o Céu, quando o castigo
Infalível descesse?

Bem que tardia e coxa seja a pena,
Que pareça dormir ou descuidar-se,
Atinge enfim quem erra; não escapa
O ímpio ao que merece.

À MORTE DE MEU IRMÃO O MARQUÊS DE ALORNA, D. PEDRO DE ALMEIDA

(Imitada da ode 21ª do livro I de Horácio:)

Quis Desiderio sit pudor, etc.

Ano de 1813

Que limite porei à dor, ao luto
Com que tão caro objecto chorar devo?
Ordena o canto, lúgubre Melpómene,
Filha do Deus dos Versos!

Tu, que teu Pai dotou de voz canora,
Unida à lira harmónica, suspira!
Perpétuo sono oprime o heróico Alorna,
Triunfa dele a morte!

Súplica branda não revoca o Fado,
Quando uma vez, c'o a vara inexorável
De Mercúrio, ao rebanho tenebroso
Agrega qualquer alma.

Honra, justiça, irmãs incorruptíveis
Da boa fé, da nítida verdade,
Onde achareis alguém igual de Alorna?...
A terra não tem tanto.

Muitas lágrimas esta morte custa!
Nenhumas tão amargas como as minhas.
Em vão devota os Deuses importuno;
Nem têm crédito as preces.

Os Deuses por um tempo nos emprestam
Sobre a terra o que é digno só do Olimpo;
Nas eternas moradas se recolhe,
Desampara os humanos.

Se nas selvas, com cítara suave,
Eu, qual trácico Orfeu, cantar soubera,
Nem assim voltaria o sangue, a vida
À sombra vã que foge.

Destino fero!... Mas a paciência
Aligeira os pesares, os desastres
Que não pode vencer força nem arte,
Que a razão não corrige.

A Filinto

Ano de 1813

*Non é ver que sia la morte
Il peggior do tute i mali.*

METASTÁSIO

Fui, como tu, Filinto, arremessada,
Pelas ímprobas mãos da Sorte adversa,
Contra os escolhos que num mar de angústias
Acumula a desgraça.

Cercou, longe de mim, a meiga Dafne¹³
As portas da existência; a luz serena
De seus olhos celestes apagou-se;
Pereceram as Graças.

Estranha terra cobre o Luso Turno¹⁴,
Que esperdiçaram deslembados Numes,
E a Pátria, que em vaneios despedaça
Santos, fidos Penates.

A morte sem cessar, co'a fouce acerba,
Exornou-me sem dó; fiquei qual tronco
Que os ventos furiosos desfolharam,
Que tsnaram coriscos.

Foram-me inúteis délficos tesouros,
Que na infância comigo repartiste;
Escasso lume apenas me arde na alma,
Que este incenso te envia.

São, Filinto, relíquias do teu estro
Que me aquecem da lira as dóceis cordas;
São tuas odes mágicas que acordam
A sonolenta Musa.

És tu quem me arrebatas, quem me levas
A encarar nas Olímpicas mondas
C'o Pai da heróica tuba e excelsos Vates,
Que emulas ou desbancas.

Contigo vejo erguer do vítreo trono
O agastado Neptuno, e me envergonho

¹³ Minha irmã (Nota da Autora).

¹⁴ Meu irmão (Nota da Autora).

Que inertes no estaleiro os lenhos durmam,
Sem atentar na glória.

Que Dabul ou Cochim, que tanto sangue
Aos Almeidas custou, farte a cobiça
Do fofo avaro, auri-sedento bruto
Que alheia fama apaga.

Mas surge, ó Noite! Plácida refresca,¹⁵
Com teu sombrio e sossegado aspecto,
A cálida tristeza que me lavra
O ansiado peito!

Ao Vate ilustre que em teu seio acolhes
Legou Anacreonte a rósea solfa,
Com que Acidália mesma carinhosa
Acalenta Cupido.

Versos acesos no amoroso fogo,
Versos que ateam férvido heroísmo,
Versos que põem a lira a par da tuba,
À fama o recomendam.

Ditosos Coridon, Elpino, Olindo!
Já sobre vós não pode nada a morte!
Triunfantes ireis, calcando as eras,
Sobre as asas do Vate.

Mas Alcipe, a quem pôs nas mãos o plectro!...
Duas vezes à morte submetida,
Cessará de viver... É pouco... é nada...
Mas se esquece a Filinto!...

¹⁵ Alusão a uma ode belíssima de Filinto (Nota da 1ª edição).

Insónia em a noite de 8 de Outubro de 1824

Infeliz noite, só te não pareces,
Na agitação, co'a morte taciturna!
Morrer é nada; é mais o que padeço
Nesta noite funesta.

Que multidão de mágoas me repete,
Aterrada, a penosa fantasia!
Como com ígneos traços me debuxa
O quadro de meus males!...

Esposo, filhos, pais, irmãos que amava,
Que nunca mais verei, com que dureza
Mos mostra a corrupção devoradora
No sepulcro fechados!...

Do parentesco os vínculos suaves,
Os laços deleitosos da amizade,
Em pedaços desfeitos, ou trocados
Pela fria indif'rença!

O bando dos prazeres carinhosos,
Por acervos pesares suplantado,
Expulsa-o de meus lares a Tristeza,
Assusta-o minha Sorte.

Aplacai-vos, ó Fúrias, ó Saudades!
Já não cabeis no peito... Ou cresci tanto
Que se apague este sopro que alimenta
A minha infeliz vida!

Dos passados instantes mil imagens
Vem funestar de novo o pensamento;
E a dor, que o tempo noutros aniquila,
Em mim se perpétua.

Se ao menos mais ditosa a Pátria visse!
Se as luzes, se as virtudes a adornassem!
Grata o suspiro extremo em paz soltara,
Os Céus o acolheriam.

Pátria! nome sagrado! Com que fúria
Me persegue um cruel pressentimento!...
Quão inúteis lições lhe deu a Sorte
– Terremotos, revoltas!...

Sorveu a terra as torres, os palácios,
Sumiu a morte as gentes a milhares:

Desta lição tão áspera os preceitos
Anulou o descuido.

Das ideias erradas o fermento
Produziu nova série de infortúnios:
Fomos Francos, Hibernios, só não fomos
Sensatos Portugueses.

Ah! se não renascer co' a Pátria a glória,
Se a Ciência e a Justiça inda dormitam,
Se a Moral não desperta, a Indústria acorda,
– Ao Nada caminhamos!

À feliz reconciliação de Portugal e Brasil

*Quia multis et magnis tempestatibus
vos cognovi fortes fidosque mihi...*

SALÚSTIO

Nunca a lisonja mascarada pôde,
Por mais que me acenasse co' a fortuna,
Extrair-me da mente uma só rima
Em cortesana gala.

Hoje sobre a minha alma funde o Estro;
Qual águia vigorosa me arrebatá
Ao magnífico alcáçar que alumia
A presença de Febo.

Enfio a senda que trilharam Vates,
E em majestoso assento avisto aqueles
Que hoje na terra, em pó, calados jazem,
No sepulcral silêncio.

Um se levanta, e grita: – «Alcipe!... Alcipe!...
Toma o laúde, a Pátria afoita aplaude!
Canta como cantei, alteia as vozes,
Tanto o assunto demanda.»

A auréola que a egrégia frente lhe orna
Mais brilhante parece, mais realça
O Vate, que, atrevido, Apolo encara,
E altivo assim lhe fala:

– «Vales tu, Deus lustroso, o nosso Nume,
Que com mão paternal do trono emborca
Sobre os Povos torrentes de sossego,
Há tanto foragido?...

Repartiste do Céu o azul domínio
C'o teu Faetonte? Acaso em áureo laço,
Ao teu coração preso, lhe impediste
Precipitada queda?

Os teus raios acaso, competindo,
Na miúda atenção, co' a Providência,
Depositam nas mãos do filho um sólio?
Domam feroz discórdia?

Espavorida aos antros se retira
Essa filha do Caos; brama, espuma,
Enquanto vem guiando horas ditosas

Afortunados dias;

Dias de paz, cercados dos sorrisos,
Com que as Graças decoram a Abundância
Em que, sem deslustrar-se a dignidade,
Se afortunam Impérios.

Do mar, vedado à Indústria, se abre a porta;
Da Fluminense praia varre ambages
Astuta a Sapiência e a dextra augusta
Do melhor dos Monarcas.

Quem do futuro o véu levantar pode?
Quantos bens tem o cofre do Destino
Ainda aferrolhados, mas previstos
Pelo Pai, pelo Filho!

Ingratos corações, sufocai sustos!
A grandeza, a extensão reside em almas!
Prestai meios de glória a quem vos rege,
Vencei as Sirtes de África!

Mora no seio de espelunca ignota,
Insondável aos míopes humanos,
Uma Deusa, que paga heróicos feitos
Com prémio imarcessível.

Seu cortejo são séculos e séculos,
Heras, que em seus domínios reverdecem;
Ornam seus aposentos áureos cofres,
Cheios de grandes nomes.

São palmeiras gigantícas que assombram
O pórtico da entrada. Lusitanos!...
Com fadigas honrosas apressai-vos
A colher os seus ramos!

Gama, Cabral, zombando de borrascas,
(Como vós podeis ir) foram colhê-los:
Vencei Númidas, renovai Palmiras,
Ganhai a Eternidade!»

Às Musas adormecidas

Musas, quer há tempos, mágoas prolongadas
Calaram sem piedade! Ouvi meus brados!
Surdi das Helicóneas grutas, vinde
Acolher-me de novo!

Qual navegante que a borrasca arroja
Por incógnitos mares, e a quem foge
A terra que procuras baixos, penhas,
É quanto aflito encontra;

Tal fui horas amargas consumindo.
Caliginosos ares me cercaram,
Naufraguei sem amparo em sítios horrídeos,
Toquei do Pólo os gelos.

Novou sobre o meu plectro o frio Arcturo,
Perdi do Estro as luzes, perdi vozes,
Febo apagou-se. Ó Musas! deste abismo
Resgatai vossa aluna!...

Mas qual fantasma ingente ao norte avisto?
Alcantilada serra os Céus invade!
Favónios brandos, aportai-me à praias
Salvai comigo a lira!

Cessai, ventos cruéis! Mostrai-me a terra!
Benfazejas Deidades da Harmonia,
Serenai estes ares revoltosos,
Prestai-me imagens doces!

Coluna argêntea de águas cristalinas
Impetuosa desce de alto serro;
Quebra no encontro de um rochedo, e forma
Espaçosa cortina.

A superfície crespada vai partindo
Seus cristais pelas várias penedias,
E do vapor aquático que espalha
Enche o largo ambiente.

Ali do Sol os raios refractados
Ornam de íris as roupas circundantes,
E de cores prismáticas tingindo
O nevoeiro, alegram.

De arbustos lindos c'roam-se os rochedos;
À dextra, ao longe, rochas estaladas,

De musgo, fetos, ervas e de flores
Pomposas se revestem.

Por entre arbustos e árvores copadas,
O rio que dimana da cascata
Vai perder-se no mar; à beira de água
Chama a Vate ao descanso.

Ó Natureza, imensa Natureza!
Como aqui te apresentas deleitável!
A mente, que te abrange e te contempla,
Extática se enleva!...

Quase que a terra cinge o Ártico Pólo,
E muito além dos Trópicos se alonga;
Águas imensas, gelos gigantescos
O Antártico defendem.

Que multidões de espécies e de seres
À humana indagação prestam auxílio!
Como o engenho co'as artes, co'a ciência
Descortina o Universo!

Lira ociosa, rompe os teus concertos!
Canta a Navegação do mar, dos ares,
A Química, a Botânica, mil artes
Que doiram a existência!

Acima da matéria te remonta,
Sobe à Causa de tudo, acende na alma
Grato Vesúvio de um amor sem termo,
E o Criador adora!

EPÍSTOLAS

A Almeno, em resposta a um idílio

Nunca pôde esse Deus que o verso inspira
Afinar, sábio Almeno, alguma lira
Que me deixe impressão qual tu me deixas,
Quando escuto da tua as brandas queixas.
Quando louvas meu Pai, e as qualidades,
As prendas que nos encham de saudades,
Eu sinto de imitar-te um tal desejo,
Que as torrentes do posso pátrio Tejo
Se me trocam nas águas de Hipocrene.
Talvez que o loiro Délio assim ordene
Para tecer-te em branda lira de ouro
Uma c'roa mais bela que a do louro.
Porém que digo? Febo não me ensina;
Mais alto influxo sobre mim domina:
Choro contigo, e é doce então meu canto;
Minhas Camenas são teus ais, teu pranto.

Ah! se eu me aproveitara do que inspiram,
Que elevados conceitos se me ouviram!
Mas a turba de afectos que a alma cerca
Faz que a voz de explicar-se a força perca,
Não tem o rude plectro voz sonora;
Mas a falsa mentira adulatora
Não manchará meus beiços: eu adoro
O rosto da verdade; eu me namoro
Da singeleza; assim, dela atraída,
Detesto as expressões de alma fingida.
Os vulgares louvores mentirosos,
Que mancham tantos versos sonorosos,
Não te sabe escrever a minha pena.
Não te diz que, em suave cantilena,
As Pastoras, teus versos entoando,
Estão ecos saudosos consolando,
Estão movendo os troncos, os rochedos;
Que os passarinhos ficam mudos, quedos;
Que esse Deus que preside ao nosso rio,
Por ouvi-las, lhe aplaca o murmúrio.

Só te direi, Almeno, que no dia
Que me escreveste em branda poesia,
Se abrandou de meus males a dureza.
Deixei este lugar, onde a tristeza
Tem comigo funesto domicilio,
E fui ao campo ler o teu idílio.

Sentei-me ao pé de um tronco, que sobre ele¹⁶
Tinha enredado o filho de Sémele
A planta que protege; doce abrigo
Achei; Mércia também, que era comigo.
Era já noite; em silêncio estava
O quieto jardim, e só brincava
Co'as ondas de uma fonte prateada
De Cíntia a imagem trémula e quebrada.
Para ler os teus versos, sábio Almeno,
Me bastava o luar, puro e sereno.
Contente os li; sensível, meditando
Nos teus votos, fui tema, derramando
Lágrimas doces no papel que lia,
Que a amizade em meu peito as produzia.
A Márcia, que abraçava com ternura,
Mil vezes disse: «Márcia, que ventura
É ver restab'lecida a ilustre glória
Do nosso amado Pai! Esta memória
Paga os nossos desgostos, se é possível
Fazer-se a nossa dor menos sensível.»

Eis aqui meus sinceros sentimentos,
Sem adornos subtis, sem fingimentos.
Mais não posso dizer-te inutilmente.
Vê, procuro explicar o que a alma sente.
Por mais versos que faça, por melhores,
Não cabem nos meus versos teus louvores;
E a lira, costumada nos pesares
A atroar com gemidos estes ares,
Num tom aflito a lamentar saudades,
Degredos, sem-razões, adversidades,
Se deixa por um pouco o seu 'lamento,
Nunca pode, ao ferir o novo acento,
Derramar uma voz tão docemente,
Que à tua corresponda dignamente;
Tomar o tom celeste, o tom divino
Que aprendeste das Musas (imagino)
Quando as Ninfas felizes que escutaram
Suas doces cantigas, as julgaram,
De um sentimento unânime e sincero,
Vencedoras das filhas de Piem.

¹⁶ Esta epístola tem o merecimento (talvez único) de ser uma sincera relação do que passei com o idílio de Almeno; tudo quanto digo teve lugar na cerca, onde li o papel à vista de Márcia, debaixo de uma parreira, ao luar (Nota da Autora).

A Tirce

Fugiste de meus olhos, doce amiga!
No sítio acerbo, onde o silêncio mora,
Onde a saudade e a dor se não mitiga,
Desconsolada Lília pena e chora.

Sem paz e sem conforto desfaleço.
O prestígio das sombras que abraçamos
Na dura lei de ausência reconheço,
Lei que assaz, cara Tirce, não choramos.

Lília, Lília fiel, que amor receia,
Que após outra mais firme divindade,
Julga, pela delícia que a recreia,
Pequeno o coração para a amizade;

Como pode perder-te?..., qual constância
Pode fazer que sofra com acerto
A incerteza, a mudez de uma distância,
E o próprio coração, que está deserto?...

Os mesmos sentimentos que ele cria
Seguem-te, amiga; eu sofro em solidão:
E à maneira que Tirce se desvia,
O alívio desampara o coração.

A dor que hoje me rasga o peito aflito
É quem fere também a fraca lira;
E os frouxos sons, que terna te repito,
São menos sons do que ais de quem suspira.

Mas tu não ouves, que talvez perdidos,
Como os raios da luz nas cavidades,
Não reflectem meus ais, enfraquecidos
De bater peste val' de saudades.

Escutam-me estas penhas animadas,
Que as expressões do brando sentimento,
Como sonhos de enferma reputadas,
Insultam, por dobrar o meu tormento.

Aqui a seva mão do Fanatismo
Serve as leis execrandas do meu fado;
Aqui geme o legitimo heroísmo,
De uma falsa razão atormentado.

A amizade não é um fogo puro
Que duas almas acordes alumia;

São precauções prudentes do futuro,
Envoltas em presente tirania.

Amor, Tirce, não é qual o tu sentes,
Doce clamor da sábia natureza;
É um rapaz que flechas traz pendentes
Filho da liberdade e da vileza.

Logo apagam a tocha, se a acenderam,
Divisando mil sustos pavorosos
As mesmas almas nobres que deveram
Ornar de Idália os fastos numerosos.

Eu não sei que vapor envenenado
Neste sítio de horror também respiro.
Ou deliro... julgando haver pensado?
Ou penso... quando julgo que deliro?

Tanto pode essa lei irrevogável
Da fera mãe das Parcas agressoras!
Traz dos males a série inevitável,
Com que alonga, inda mal, as nossas horas.

Dos males me entretenho e me consolo,
Revolvendo as imagens que me cercam;
Nos versos que animar devera Apolo
Lanço a dor; da faz que a graça percam.

Não os leias, ó Tirce, se magoam
Teu coração, delícia dos mortais;
Tomem ao vale agreste adonde soam
Há três lustros completos os meus ais.¹⁷

¹⁷ Quinze anos e mais de meio de desastres anunciam uma idade avultada. Eu acabo de completar vinte e quatro anos, de que só oito tive o gosto de viver no seio da minha família. Parece que nesta idade se tem mais alguns direitos à compaixão das almas sensíveis; e como dos bens da vida este é o único de que tenho esperanças, julguei necessária esta nota (Nota da Autora).

CONVERSAÇÃO ENTRE TRÊS

Versos de Filinto

Disse Vénus a Juno: «Basta de iras,
Já basta, ó Palas, de cruéis contendias;
As que ambas possuís são grandes prendas:
Tu dás poderes, tu ciência inspiras.
Sem que invejeis a minha formosura,
Tratemos todas uma paz segura;
Demos as mãos, façamos crua guerra
Contra Alcipe, que às três nos rouba o culto;
Metamos forças a vingar o insulto;
Pereça o altar que lhe ergue toda a terra!»

«É vão, diz Juno a Vénus, teu enfado:
Essa mortal (a Jove o ouvi) já goza
Culto grande por sábia e por formosa;
Quem sabe o que inda lhe reserva o Fado?»

Resposta de Alcipe

Ah! Filinto, que versos magoados
Agora vão nascer, bem tristemente,
De uma lira cercada de cuidados,
Que inda o Céu por piedade me consente!

Em meu peito, onde a simples natureza
Erige o doce templo da ternura,
Lança todos os danos da tristeza,
Qual fúria enorme, a seva desventura.

Giram meus ais em torno a um triste leito.
Pálida vejo a Mãe... Ó Céus, que vista!
Amor geme encostado no meu peito;
E inda Vénus cobiça esta conquista?

Assaz vingada está... Oiça o ruído
De meus ferros pesados, meus clamores:
Olhe o gesto do Fado desabrido;
Há de chorar, e o bando dos Amores.

De outra Aracne que tece frágil teia,
Pelas noites de Inverno, a um fraco lume,
Pode a Deusa que os orbes senhoreia,
Ou a sábia Minerva, ter ciúme?!...

Vê, Filinto, se as moves a piedade,

Pois se pomos dourados eu tivera
Nem Vénus só nutrira alta vaidade,
Nem Pérgamo soberba se abatera.

Adeus, Filinto, adeus ,que já me chama
Em socorro da Mãe o meu cuidado.
Que palidez!... Que susto em mim derrama!...
Quem sabe o mais que me reserva o Fado?...

A Alceste

Alceste, sábio Alceste, revolvendo
Rotos papeis, das Musas inspirados,
De entregar-te quaisquer estou tremendo,
Não sejam de outros olhos criticados.

Eu falo em liberdade; uma alma nova
Como a minha, não sofre o vil disfarce.
Que sei eu se o que digo se reprova?
Que sei se deve a Musa limitar-se?

Bem como o bom Despréaux, não me equivoco;
O nome próprio dou à fraude, ao vício;
A meu favor Verdade, Astreia invoco,
Deidades que dão pouco benefício.

Como do Olimpo os Deuses são fingidos,
Sem que ofenda a moral, que firme adoro,
Finjo Dianas, Martes e Cupidos,
Falo com eles, finjo que os imploro.

Não sofre a nossa terra esta linhagem,
País onde se queimam feiticeiras,
Descobre o mal numa inocente imagem,
Como o demónio em casa das primeiras.

Há ciúmes aqui até de Apolo;
Basta que uma mulher com ele fale,
Para ter liberdade qualquer tolo
De mandar seja presa até que estale.

A uma Freira em Chelas

Quando em silêncio adormecem
Todos os seres mortais,
Ligeiros à tua cela
Voam saudosos meus ais.

Dize, leste os versos de ontem,
Onde insculpiu a ternura,
Comovida ao contemplar-te,
Indícios de mágoa pura?

Agora que tudo dorme,
Agora que só se escuta
De noite o surdo rumor,
Reflexo de alguma gruta;

Quando toda a natureza,
Envolvida em sombra densa,
Dá liberdade aos suspiros
Que nascem de mágoa intensa;

Corre o vago pensamento,
E no pequeno recinto
De uma cela, aí te encontro,
Para explicar-te o que sinto.

Eu te vejo, ó Céus! que vista!
Aprisionando entre flores
Os corações delicados
De mil cativos amores.

Das perfeitas mãos te nasce
Ora murta, ora alecrim,
Ora imitando teu rosto
Cândido e lindo jasmim.

Que ideias ternas te inspiram,
Quando o gosto da leitura
Diminue brandamente
O cargo da desventura!...

Nos discretos caracteres,
Vão teus olhos magoados
Ora lendo o seu conforto,
Ora o decreto dos Fados.

Já te lanças brandamente
No seio da paciência;

já te recreia admirar
O aspecto da Providência.

Eu te sigo, suspirando,
E teço então sobre a lira
Estas cantigas saudosas,
Que o contemplar-te me inspira.

Se meus versos te consolam,
Sempre a branda simpatia
Conduzirá no silêncio
A Musa que teme o dia.

A FILINTO

A respeito de uma Ode que lhe mandaram fazer, e fez, ao Marquês de Pombal

Quando será, Filinto, que este canto,
Que me inspira benigno o Deus do dia,
Não equivoque a mágoa com meu pranto,
Seja notado só pela alegria?

Eu não sei, porque a sorte denegrada
Os futuros envolve em noite espessa.
Vai-me a tristeza dando cabo à vida,
Quere a sorte teimosa que eu padeça.

Mente o velho Saturno, se promete
Nas estações diversas dar-me gostos;
A Jano variar-se não compete,
Se volta para mim os quatro rostos.

A esperança falaz quando esvoaça,
As verdes roupas ostentando, airosa,
Icárias penas tem, cai por desgraça,
E perece na queda desditosa.

Nem o canto das líras alternadas
Que ama Délio, tão pouco o som cadente
De alegre coro de aves namoradas,
Amansam esta mágoa permanente.

Das Camenas em vão orno os altares,
Em vão me banho na Castália pura;
Nos olhos se me pintam os pesares,
Nos beijos geme a voz da desventura.

Investigando a minha triste história,
Tu mesmo, ó Santo Febo, tu te espantas,
Recomendando às Musas a memória
Quando lustroso cais ou te levantas.

Não te esqueça, Filinto, o acerbo caso...
Lateja-me no peito um fogo intenso,
Se esperdiças as jóias do Parnaso,
Dando ao tirano o teu sublime incenso.

Bem sei que as Musas, quando vão contigo
Em cativo, aflitas, algemadas,
É por salvar-te só de extremo p'rgo
Que sofrem ver-se assim tão degradadas.

Porém tu, que és por elas escolhido
Para em verso divino honrar verdades,
Receia que o futuro espavorido
Te acuse de infiel às divindades.

A fortuna usurpada é que hoje toma
Direitos que à inocência o Céu concede:
A fraude, a crua fraude afoita doma
Almas a quem justiça a razão pede.

Assim, qual nova Euménide, a impostura,
Cruelmente de um fero açoite armada,
Desta terra infeliz toda a ventura
Fez voar, contra os Céus arremessada.

A meus olhos se mostra escassamente
Se com eles segui-la ao menos quero;
Bem como volejava em torno à mente
Um vago e lindo sonho ao cego Homero.

Os prazeres em bando, fugitivos,
Temem que os siga a mágoa pontiaguda,
Pois da virtude a graça, os atractivos,
Em lutuosa dor a força muda.

Contudo a Jove, que almas só conhece,
Que enche o vasto Universo e nos domina,
Apela Alcipe, e nunca desfalece;
A Jove unicamente a frente inclina.

Não são novas as sortes desastradas.
Verei cair sem pasmo o mundo inteiro;
Há longo tempo as terras assoladas
Maldiçoam a espada do guerreiro;

Há longo tempo o fanatismo astuto
Assassínios recíprocos prepara;
E sem dó traga o coração corrupto
A verdade que o Céu lhe confiara.

Lançando os olhos pelo vasto mundo,
Coberto de catástrofes e danos,
Das próprias penas perco o honor profundo,
E reparto meus ais entre os humanos.

Se um Sócrates, que a morte despedaça,
Vejo acabar, sem que a virtude valha,
Ao ler que esgota a venenosa taça,
O mortal gelo sobre mim se espalha.

Tremo de raiva quando um vil tirano
Rasga a veia em que pulsa o sangue nobre
De um Séneca infeliz, ou de um Lucano,
Que injusta e prematura morte encobre.

Então chagas abertas no meu peito
Se exacerbam c'os casos atrasados.
Quantas vezes de Astreia o são direito
Argúe a meu favor iníquos fados?

Mas se um Vate sublime, revolvendo
Da escura antiguidade os casos vários,
Em Sócrates Anitos convertendo,
Chama a Sejanos, Sólon, Belisários;

Que fruto tira o justo quando grita?
A cadeia dos erros dilatada,
Fabricada por homens, necessita
Ser por forças de um Deus despedaçada.

A Natércia

Natércia, já te não lembra
Uma amiga solitária
Que vegeta nestas selvas,
Ou luta co'a sorte vária?
Sabes como passo os dias,
Sem te ouvir ou sem te ver?
Se as Parcas me não acabam,
E' que têm mais que fazer.

Nessa terra dos Latinos
Andam talvez ocupadas,
Cortando as vidas felizes,
E alongando as desgraçadas.
Se eu duro, faz-me durar
Talvez a doce esperança
De que Natércia me guarda
Um momento na lembrança.

Dá-me provas disto, Amiga,
Lendo no meu coração.
Conforta-o de quando em quando,
O Céu te achará razão.
Lê neste o que te não digo,
Pois, firme por natureza,
Sei lançar, quando convém,
Duros grilhões à tristeza.

Às vezes sinto-a gemer,
Encarcerada no peito;
Mas, impondo-lhe silêncio,
Segue o rígido preceito.
Inda não cultivo a terra,¹⁸
Não sei porquê, na verdade;
Nem cumpri o voto puro¹⁹
Que fiz à santa amizade.

Já diversas estações
Para gentes mais felizes
Deram tempo ao que plantaram
De lançar longas raízes.
Eu, Natércia, inutilmente
Os dias contando vou;
Murchou-se a minha ventura,
Tudo para mim murchou.

¹⁸ Porque me faltava a posse das terras que tinha aforado à Coroa (Nota da Autora).

¹⁹ Tinha feito a promessa de plantar um freixo em honra de Natércia (Nota da Autora).

Ando às vezes nestes campos
Buscando flores bravias;
Com isso engano desejos,
E encurto penosos dias.
Ando fingindo que vivo
Com acções, com movimento;
Mas é falso, que só vivem
Os que têm contentamento.

Este meu doce viveiro,
Penhores de eterno amor,
Tenho medo que não medre,
Faltou-lhe o cultivador.
Esta geração moderna
Que em torno de mim gorjeia,
Com sons como os passarinhos
Os meus ouvidos recreia.

Porém, Natércia, que são
Sons, contra penas tão graves?
Não têm vigor de abrandá-las,
Bem que pareçam suaves.
Um parte daqui, correndo
Atrás de uma borboleta,
Outro de uma cana forma
Uma espingarda, uma seta.

Entretanto eu, cogitando
Em mil casos desastrados,
Tenho tempo de lutar
Comigo e com meus cuidados.
Não quero turbar os gostos
Da pacífica inocência,
Nem com gemidos inúteis
Fatigar-te a paciência.

Em resposta a Natércia

Deixa-te disso, amiga, não me pregues.
Amor é para mim uma quimera;
Em meu peito deserto não prospera
Mais que a lei da razão, que tu não segues.

Bem percebo essas máximas sublimes
Que ostenta a gente fraca, e que despreza
Quem tem força, quem doma a natureza,
E quem não quer passar de erros a crimes.

Faze embora elogios à inconstância,
Ama vinte, se queres, não me importa;
En para criticar estou já morta...
Não conheces a minha tolerância?

Sou de composição muito esquisita:
Não creio nos amores desta terra,
E declaro aos amantes maior guerra,
Quando de amor minha alma necessita.

Quem vês tu que mereça ser amado?
Qual do culto de Amor digno hierofante
Não terá, co'as fraquezas de inconstante,
Os augustos mistérios profanado?

Amor em mim não é qual o tu sentes,
Um clamor, um tumulto dos sentidos;
Eu tenho esses escravos submetidos
A leis mais elevadas, mais decentes.

Sinto amor como a terra toda sente,
As forças que a mantêm, forças diversas;
Amor me faz fugir de almas perversas,
Por amor busco (em vão) uma inocente.

De opiniões cobardes governados,
Os homens hão-de rir destas doutrinas,
Hão-de rir os peraltas e as meninas.
Queres que adore um desses malcriados?

Em resposta ao Conde da Ega, Aires de Saldanha

Almeirim, 1800

Enganas-te; não posso *tanto, tanto*
Quanto esperas de mim, quanto me pedes;
Mais vida, mais vigor têm estas plantas,
Os arbustos que crescem nestes prados.
Vegeto as mais das horas; se me acorda
Deste triste letargo algum assunto,
Ou vem rompendo nuvens de cuidados
Em que envolta me traz a sorte austera,
Ou, qual trovão que vibra a mão de Jove,
De mil sustos me assombra o fraco peito.
Da vida a brevidade nos proíbe
Entablar esperanças dilatadas;
A Parca é surda ao nosso humilde rogo,
E já de um sopro seu envenenado
Me apagou de uma vez todo o Universo.

Eis aqui como, aflita e sepultada
Nos abismos do puro sentimento,
Me separo da classe dos viventes.
Mas então, radiante, a razão surge,
E, ao clarão de seus raios luminosos,
Vou distinguindo os erros da tristeza,
E aprendo filosóficos preceitos,
Que, mansa, a paciência me decora.
Fortificada assim, os olhos lanço
Sobre o painel da Criação, tão vasto.
Nos meus ermos co'a mente os Céus abranjo,
Da Natureza estudo os três domínios,
E enquanto desenvolve a Primavera
A força vegetal, que os campos veste,
Faço dormir a dor, caio as saudades.

Flora, por deleitar-se, um dia claro
Desceu do Olimpo à terra, e destramente
Classificou as plantas variadas;
E, em prémio da razão indagadora,
Revelou a Lineu grandes mistérios.
Flora mesma também me vai guiando,
E sem séquito, mais que alguns perfumes,
Os ventos brincadores e o sossego,
Me comunica as leis simples, sublimes,
Com que a família rege e desenvolve
Das lindas liliáceas que hoje apontam.
Cedo virão do Tlaspe argênteo as flores
Distinguir nas crucíferas as raças;

Virão os goivos perfumar os ventos;
De flóreas borboletas brevemente
Se há-de a terra cobrir, há-de enfeitar-se.

Vês tu na Corte um tronco mui frondoso,
Cujos ramos ou tribos nos recordam
Da antiga lei as bênçãos tão famosas?
Eu também, cá no campo, também vejo
O Gerânio cheiroso, que sem fausto
Cento e tantas espécies me apresenta.
Nunca um só indivíduo desta prole
Teve cargos nem postos que agitassem
As pacíficas leis das outras plantas.

Que modelos não tem a Natureza,
Que, brilhando no objecto inanimado,
Envergonham a espécie inteligente!
Repara na Umbelífera vistosa:
Dos pedúnculos desta saem raios,
Destes raios os filhos todos pendem;
O mesmo suco a todos vivifica,
Todos a um tempo os raios do Sol gostam,
Vivem juntos, e todos juntos morrem.

Ai de nós! quão diversa é nossa sorte!
Que divisões, que lutas, e que estragos
Semeiam as paixões entre os humanos!
Se no seio das ondas empoladas,
Nos mares da política, entre escolhos,
Passas teus dias, praza a Deus que possas
Aportar felizmente nestas praias!
Sincera gratidão aqui te espera,
E um lugar consagrado a engenhos claros.
Nem pórticos marmóreos, nem colunas
Que cinzelasse em Paros mão perita,
Hás-de achar neste sítio: altos pinheiros
Formam de espessa rama o nosso teto,
E gramínea alcatifa nos oferece,
Para pensar, lugar acomodado.
Uma fonte serena ali murmura,
E, mil vezes afoita, a fantasia
Cuida ouvir revolver-se dentro de água
A Náíade gentil que lhe preside.

Se agita o vento as canas buliçosas,²⁰
Se da serra um rochedo assusta a vista,
Mitológicos sonhos me recordam
Ora aquela que a dor petrificara,

²⁰ Alusão a Val de Nabais, sito não longe da Serra de Almeirim. (Nota da 1ª edição).

Ora a Ninfa medrosa e fugitiva
Que o pudor converteu em verde junco.

Com palavras e ideias todo o globo
Corre depressa aquele que conversa.
Quando se esconde o Sol, e a noite ostenta
De entre sombras milhões de astros luzentes,
Para entreter as filhas com proveito,
Vou revolver então montes de idades.

Vinte séculos voam, quando apenas
Vem surgindo das trevas rutilante
O Pai dos Crentes, cujos passos guia
Deus mesmo para a terra onde o estab'lece.
Então de lá do Egipto o Rei primeiro
Vem pôr da glória grega os alicerces:
Vem Cécrops depois fundar Atenas.
Atenas!... este nome as cenas abre
De heroísmo, valor, artes e engenho.
Itália, que hoje assusta mão terrível
De um Guerreiro rebelde e temerário ²¹,
Dormia então de fábulas coberta,
Nem raiava o crepúsculo dos dias
Que ilustrou Cipião, Fabrício e César.

Com os mapas na mão, aventurando
A memória, lhes digo: Aqui foi Tróia.
Se a coalisão moderna acaso fosse
A fatal coalisão da argiva gente,
Talvez como os de Pérgamo, infelizes,
Os muros de Paris já vacilassem...
Mas suprimo as palavras neste assunto,
E um grilhão ponho até no pensamento.

Distrai-me a vista ali no mar vizinho
Lesbos, pátria de Alceu, de Ema e Safo;
Vêm as mágicas artes lançar fora
O tédio das lições, do estudo austero;
Ora a voz, ora a mão industriosa.

²¹ Buonaparte. (Nota da 1ª edição).

*A Godefredo*²²

Como sopra do Oeste rijo o vento!
Que sussurro medonho as folhas fazem
Entre a floresta que reveste o monte!...
Como retrata o rio a nuvem negra
Que vem descendo, prenhe de borrascas!...
Porém... verdeja o chão... e o Sol brilhante
Por uma fresta de entre a nuvem rompe...
Já não desfolha as flores, fero, o vento,
Nem na floresta o rijo tronco estala.

Eis, Godefredo, a imagem que me antoja
O furor com que assaltas as doutrinas
Que à mente humana mil tesouros trazem,
As doutrinas que o denso véu levantam
Da Natureza, e o belo quadro mostram
Dos portentos que a mão divina ostenta.
Hás-de aplacar-te: o Sol virá raiando;
Quais flores brotarão tuas ideias;
Quebrará teu engenho essa barreira
Que vence quem medita, e aos distraídos
Empece entrar no templo da Verdade.

Dizes bem, se contempas necessário
Saber guiar primeiro o raciocínio,
Para observar depois os remos vários
Que nos apresenta a vasta Natureza.
Mas se entendes que andar investigando
A aparência dos Seres, que fenómenos
Da recíproca acção deles resultam,
t fugir da verdade, muito erras;
Os olhos tapas, sopras sobre as luzes
Que esclarecem o templo majestoso
No qual o Criador se manifesta.

Cercado da mudez dos Seres, julgas
Que só têm dimensões, cor e figura;
E nestas propriedades não descobres
Cousa que te interesse o entendimento.
Mas quando esta aparência importa menos,
E meditando, o sábio vai mais longe;
Mil prodígios então lhe patenteiam
Os imensos fenómenos que o cercam.
Põe-no em contacto um ramo co'a riqueza
Do reino vegetal; um vaso de água,
Uma pedra, um cristal, a mesma terra

²² O Conde de Sabugal, D. Manuel Mascarenhas (Nota da 1ª edição).

Sobre que move os pés, vastos tesouros
Nos minerais domínios lhe revelam.

Nunca estou só; as aves, os insectos,
Os animais domésticos, os bravos,
Eu mesma, bem que a mim enigma seja,
De ignorar-me a mim mesma envergonhada,
Um curioso ardor deve excitar-me
A buscar, a indagar qual sou, e os outros.
Sujeita a precisões inumeráveis,
Dos entes, que me cercam, dependente,
Obriga-me a razão a analisá-los.
Que fenómenos gera esta análise!
Que socorro e delícia então procede
Das descobertas que fazemos novas!

Não fui eu quem, no tempo em que apontava
Sobre teu rosto uma ligeira felpa,
Quem verteu na tua alma o amor das letras?,
Quem tuas ideias juvenis, sensatas,
Aos templos de Minerva dirigia?

Separou-te de mim um triste fado;
Outro influxo, outras forças te lançaram,
Por furacão horrível, nesse golfo
Onde tudo foi, morte, glória e horrores.
Se boiavas acima destas ondas,
Noutro abismo, ferinas, te arrojaram:
Entre homens, ao prazer dados e ao sono,
Que como inútil peso a alma avaliam.
Tem esta espécie uma paixão danada
Que do louco Empirismo os enamora;
E contanto que falem, que dissertem,
Que uma lanterna mágica nos mostrem
Co'a borla de Doutor, se ostentam sábios.

Criou-te a Natureza para o seres:
Toma, torna a seguir-me; não receies
Que naturais ciências te desgarrem.
Verás como nas asas da Esperança
Me vão levando aos lares da Verdade,
A encontrar-me com Deus, co'a pura origem
Das virtudes que ao homem divinizam.
Tanto o estudo esta ideia magnifica!...
Quanto mais dócil coração nos forma,
Tanto mais nos confirma necessária
A lei que ao limitado ser dirige;
Sem a qual fora a vida uma contenda,
A morte um tenebroso cadafalso.

Mas depois de estudar a Natureza,
De sentir quanto de alma as faculdades
Aspiram ao saber, nos convencemos
Que, à maneira das plantas, neste mundo
Plantados, cultivados os humanos,
Crescemos, como as outras plantas crescem;
Mas só da morte além, na Eternidade,
A nossa florescência se completa.
Despojados do opaco véu do corpo,
Sem prisões de sentidos ilusórios,
Rodeados de angélicas essências,
Ante o Ser infinito o amor nos leva,
E amor com Deus enlaça as almas belas.
Tens da imortalidade penhor certo,
Se das térreas virtudes não discrepas.

Vamos pois reparar nas maravilhas,
Com que nos brinda o sábio Autor dos Entes.

O que sem reflexão e sério estudo
Pelo mundo transita, peregrino,
Como um rio, correndo e murmurando,
Vai-se perder no mar, donde não volta.

Não vás pois, Godefredo, desta sorte;
Nas abstracções da tua Ontologia,
Em quiméricos sonhos não te envolvas:
Ser por essência é Deus; as mais essências,
Em seu seio escondidas, são segredo
Que aos homens até 'gora não revela.
Contentem-te somente propriedades;
Se à força de observar, descobres uma,
Hás-de ombrear c'os Newtons, c'os Descartes.

Contemplemos dos corpos a aparência,
Sem mais cortejo que a razão por guia;
Nesses Remos estranhos viajemos.
A aparência dos seres dos três Remos
É de ciência um tronco de que brotam
Ramos diversos, cada qual trazendo
Por fruto outra ciência; uma descreve
Os seres que têm vida e que povoam
As campinas, cidades e desertos;
Os que habitam o mar, cortam os ares,
E quanto vive e sente sobre a Terra.

Cortejada dos Zéfiros e Flora
Aparece a Botânica; sem ela
Das plantas os mistérios se ignoraram;
E o vegetal poder, que adorna os campos,

Fora quimera ou sonho inextrutável.
Se largando a monótona cidade,
Pelos serros de Sintra passeando,
Os sonhos mitológicos trocasses
Em meditação séria, a mão te dera
A sã Geologia; observarias
A geral contextura deste globo;
A posição dos vaies, das montanhas,
A formação das terras, dos rochedos,
Te iria engrandecendo os pensamentos:
Novo ardor curioso em ti criaram
Dos minerais as faces regulares,
O arranjo das moléculas, que as massas
Com tão grande artefacto constituem.
A Cristalografia te encantara;
Deras mais preço aos vasos de alabastro,
Às colunas de mármore, aos diamantes
Com que orna o níveo colo *augusta Ninfa*.

Se laborar com mármore e jaspes,
Com diamantes, safiras, esmeraldas;
Examinar metais, betumes, terras,
Da Mineralogia abrir segredos,
Faz ganhar de *pedreiro* o insulso nome,
Erradamente o vulgo o denomina.
Estes Pedreiros são de outro calibre,
Ante a face dos Céus melhor trabalham;
Não tomaram lições de Inigo Jones:
O Criador seus templos lhe edifica.
Quero desafogar, quero provar-te
Que os que tudo isto ignoram, são os ímpios,
São os rebeldes, são os mentecaptos,
Que, sem mais protector que o seu canhenho,
Porque argumentam, cuidam que convencem.

A metódica lógica da Escola
Não excede a que dá a Natureza:
Nesta está o protótipo das artes;
E além da meta onde a razão pára,
Nada mais nos ensina a Metafísica.

Que especulações vãs, no nosso tempo,
Fizeram desvairar o engenho humano!
Das abstracções nasceram as revoltas,
Nasceu da Metafísica a impiedade.
Quando novos Titanos sobre a terra
Co'a toga filosófica se ornaram,
E, empunhando sistemas transcendentos,
Empregaram aríetes, petardos,
E quanta artelharia forja a imprensa,

Para escalar os Céus; o que fizeram?
Nutrir loucos, fazer chorar os Sábios;
Espalhar sobre o mundo mil flagelos,
Com que há seis lustros geme a humanidade.
Que verdade nasceu que nos console?
Em França, no vulcão onde moraram,
Ninguém lê já seus livros. O dinheiro,
Avareza, é que arroja em nossas praias,
Pelas mãos dos livreiros, essa escória
Que os libertinos farta, e os envenena.

A avidez de saber, que nos devora,
Com especulações puras se contenta
Na Física e na Química. Na Óptica,
Que teatro tão belo a luz apresenta!
Pela visão e a luz os Céus galgamos,
Em relação nos pomos co'as Estrelas.
Que deleitosas sensações na terra
Esta visão e luz nos participa!
Um fenómeno só sirva de exemplo:

Se, enlutados os ares, densa nuvem
Co'as aquosas moléculas da chuva,
Quere iminente refrescar os campos
E nelas vasa o Sol feixes de raios,
A reflexão e a refração das luzes
Criam dois arcos belos, cujas bases
Vão, de cores ornados, repousar-se
Nos dois termos opostos do horizonte,
Não são de íris as roupas matizadas,
Nem a estrada por onde os Numes descem;
São um meteoro lindo; outros meteoros,
De igual beleza, a experiência explica.

Factos é que revelam mil segredos,
Que embaçam a ignorância e acha prestígios.

Se os de bom senso na coorte imbecil
Vão alistar-se, frouxos, e eco fazem
Aos delírios dos néscios, brevemente,
Os elementos confundidos todos,
O mundo lançarão no antigo caos.
Não quero, nesta epístola já longa,
C' um tratado de Física enfadar-te;
Nem com ténues vislumbres de ciência
Inculcar-me instruída do que apenas
Entrevejo e em distância me recreia.

As portas de safira o Céu nos abre,
De lá nos manda um Génio luminoso,

Que traz nas mãos um facho que dissipa
As trevas em que a incúria nos trazia.
Tu és pois o primeiro a quem compete
O ser o introdutor desta embaixada.
Mas se este Génio é nosso conterrâneo,
Se também cá nasceu, se irmão é nosso,
Tu, cavalheiro, génio egrégio, heróico,
Avalia da Pátria este ornamento.
Quando as serpes da inveja o atacarem,
Veste a cota de malha, põe-te em campo
Co'a espada que buiu valor e brio,
E defende da Pátria este luzeiro.
Toma o broquel, co'a face de Medusa
Faze que volte atrás cobarde a inveja.
Como o filho de Glauco, a Lísia salva,
Intrépido, e no Pégaso montado,
Fere a superstição, mata a Quimera.

Destroçados os erros, triunfante
A verdade, a razão purificada,
Do pensamento o voo remontando,
Do coração as asas sem estorvo
Levam a alma, por entre êxtases puros,
Arrebatada, unida, ao Ser dos Seres,
A descansar na lúcida morada.

CANTIGAS

Razão, por piedade, esconde
O que eu dentro de alma sinto;
Se amor se mostra em meus lábios
Faze crer que sempre minto.

Não quero que hoje a verdade
Se oponha às leis da razão;
Triunfe a modéstia austera,
Gema embora o coração.

Não acenda um só suspiro
Chama que devo apagar;
Siga-se à dor o silêncio:
Vencer é saber calar.

Quantos males evitara
Esse incauto Prometeu,
Se na fêrula escondido
Ficasse o fogo do Céu!...

Porque se ama, ou se não gosta,
Inda está mal definido;
O acaso, o fado, a estrela
Forjam armas a Cupido.

Se com desdêns recompensa
Zelina meu vivo ardor,
Não tenho de que queixar-me
Não depende dela amor.

Por ela morro; e não pago
De Alcina os ais com os meus.
Ninguém a razão me indague,
Procure o enigma nos Céus.

Dúvida

Logo que Arminio aparece
Ergo os olhos com temor,
Quero falar-lhe, não posso.
Será isto acaso amor?...

Quando fala, não percebo
Que haja um som de voz melhor,
Mais graça, mais elegância.
Será isto acaso amor?...

Se entre aquelas que eu estimo
Fala alguma a seu favor,
Desconfio, tenho raiva.
Será isto acaso amor?...

Se ele se vai, não encontro
Em nada chiste ou sabor;
Nem céu nem terra me agrada.
Será isto acaso amor?...

Se ostenta co'as outras belas
Ar polido e sedutor,
Forcejo por lhe ter ódio.
Será isto acaso amor?...

Cantiga Anacreônica

Dentre as canas buliçosas
Leve Zéfiro respira,
Movem-se as folhas lustrosas,
Amor palpita e suspira.

Nestes doces movimentos
Vão-se as sombras desfazendo,
Vão-se espreguiçando os Ventos,
Lúcifer esmorecendo.

Vai-se a manhã levantando,
Acordam com ela as cores,
Vão com ela despertando
Pardas rochas, lindas flores.

Ante os raios refulgentes
Cessa o tímido segredo,
Abrilham-se as correntes,
Nascer coros no arvoredos.

Sai do seio do descanso
Vigorada a fantasia;
As ideias são mais claras
Na hora em que nasce o dia.

Depois de um sono quieto
Tudo acorda com vigor:
Porque razão quando dorme
Não desperta assim o Amor?

Ciúmes

Cruel Amor, tu que sabes
Rasgar com flechas meu peito,
Tira a venda dos tens olhos,
Põe-na sobre os meus com jeito.

Deixa-me ver a figura
De Armínio continuamente,
Mas cega-me logo, apenas
Armínio for delinquente.

Quando pintado em seu rosto
Triunfa o doce prazer,
Quando me aperta em seus braços,
Brando Amor, deixa-me ver.

Mas se à vista de outro objecto
Acaso o deleite esfria,
De que me serve ter olhos?...
Apaga-me a luz do dia!

Não é de maiores luzes
Que a minha alma necessita;
Não quero saber por quê
Quando vê Sílvia se agita.

De que serve o ver pintada
No seu rosto a inquietação,
Se chega o Correio ou parte?
Aperta-me a venda então!

Sem esta cautela, Amor,
Nulos os prazeres são;
Creio pouco nos sentidos
Se me foge o coração.

Acordai, sons esquecidos!
Estro mudo, replicai-me!
Vinde, números perdidos!
Harmonia, consolai-me!

Da morte as asas escuras
Vêm de sonhos carregadas;
Formam tristes conjecturas
As ideias assustadas.

Ai de mim! a melodia
Evita uma alma agitada;
O terror da fantasia
Faz-me a voz desentoada.

Eu mesma não sei que temo!
Um desconhecido efeito
Me anuncia, quando gemo,
Que encerro a morte no peito.

O Tejo me viu com vida,
Sem ela o Danúbio e o Reno.
Fere, ó Morte desabrida!
O teu triunfo é pequeno.

Mas tu, objecto que adoro,
Incapaz de esquecimento,
As minhas cinzas recolhe
Em um simples monumento.

Em prémio do amor mais puro,
Este epitáfio convém
Gravar sobre o mármore duro:
Terna esposa, filha e mãe.

Pressentimento

Contigo, lira suave,
Dissipo negros cuidados,
Contigo encanto a fastio,
Contigo zombo dos fados.

Dom celeste, amável fogo,
Que Délio acende na mente,
Troca-me estas longas horas
Num só instante contente.

Nasçam das cadentes cordas
Sons que copiem meus ais;
Faça Amor compadecido
Que os paguem outros iguais.

Mas que escuto? ó Céu medonho!
Com feio agouro me bradas...
E a mão incerta na lira
As cordas deixa quebradas.

Contraposição

Nesta estação deleitosa,
Em que os chuveiros baixando
Chamam a verdura aos prados,
Vão as flores acordando;

Quando os botões se desdobram,
Saudando o dia nascente,
E que a terra amolecida
O poder dos raios sente;

Nesta estação é que eu choro,
E a pompa da Natureza
Cubro de um véu denegrido:
Tal poder tem a tristeza!

Flores, sol, botões mimosos,
Vós perdeis a graça, a cor,
Se a estação que vos renova
Não apaga a minha dor.

Sonho

Perdoa, Amor, se não quero
Aceitar novo grilhão;
Quando quebraste o primeiro,
Quebraste-me o coração.

Olha, Amor, tem dó de mim!
Repara nos tens estragos,
E desvia por piedade
Teus sedutores afagos!

Tu de dia não me assustas;
Os meus sentidos atentos
Opõem aos teus artificios
Mil pesares, mil tormentos.

Mas, cruel, porque me assaltas,
De mil sonhos rodeado?
Porque acometes no sono
Meu coração descuidado?...

Eu, quando acaso adormeço,
Adormeço de cansada,
E o crepúsculo do dia
Me acorda sobressaltada.

Argúo então a minha alma,
Repreendo a natureza
De ter cedido ao descanso
Tempo que devo à tristeza.

Que te importa um ser tão triste?...
Cobre de jasmins e rosas
Outras amantes felizes!
Deixa gemer as saudosas!

Sozinha no bosque
Com meus pensamentos,
Calei as saudades,
Fiz trégua a tormentos.

Olhei para a lua,
Que as sombras rasgava,
Nas trémulas águas
Seus raios soltava.

Naquela torrente
Que vai despedida
Encontro assustada
A imagem da vida.

Do peito, em que as dores
Já iam cessar,
Revoa a tristeza,
E torno a penar.

Às saudades do meu Jardim

Saudades! porque sois lindas?
Porque prosperais aqui?
Porque neste sítio triste
Flora meiga vos sorri?

Desse tempo em que falavam
As flores, se recordou,
E a Saudade enternecida
Deste modo replicou:

– «Se aqui com pompa floresço,
E' porque o meu alimento
São pesares, mágoas, dores,
E nutre-me o sentimento.

Se uma aura feliz soprasse,
E Alcipe se consolara,
Eu perdera a cor, morrera,
E toda me desfolhara.»

A um pirilampo

Encantador pirilampo,
Adorno da noite em Maio,
Vem luzir neste meu canto,
Dá-me desses teus um raio!

Tu das estações incertas
Nada temes, nada provas;
Dá-te vida a Primavera
E o bafo das flores novas.

Não morres, mas adormeces
Enquanto os ventos irados
Açoitam as altas faias,
Dessecam os verdes prados.

Ah! se, como tu, pudesse
Dormir, quando as tempestades
Dos desastres alvoroçam
No meu 'peito mil saudades!...

Não queria viver mais
Que o tempo que tu existes.
De que servem tantos dias,
Quando são todos tão tristes?

A um Mocho

Triste pássaro, que tens?...
Esse tom dos teus gemidos
Não é tom que desconheçam
Os corações afligidos.

Tu calas-te enquanto Febo
Dispensa com fausto o dia,
E só confias das sombras
A tua melancolia.

Também eu, como tu, gemo,
E fujo da claridade,
Que importa pouco aos humanos
A minha cruel saudade.

Mas quando a severa Hécate
As sombras negras evoca,
Todo o silêncio do dia
Em suspiros se me troca.

Solto então o freio ao pranto,
Ao desafogo abandono
Essas horas que os ditosos
Entregam a doce sono.

Nem eu nem tu procuramos
A piedade dos humanos.
Uma compaixão estéril
Entra na lista dos danos.

Ao clima de Inglaterra

Bárbaro clima,
Que escolhe a sorte
Para que a morte
Reine sem dó!

A terra perde
A vida, a cor,
Perde o vigor,
E gela só.

Saraiva espessa
Torpor espalha,
Tudo amortalha
A neve só.

Expulsa a fome
Do brando ninho
O passarinho,
E acha-se só.

Se salta a um ramo,
Frio novelo,
Que forma o gelo,
Encontra só.

Se ao ninho torna,
O gelo o fecha,
E em vão se queixa
O pardal só.

Sem grão, sem ninho,
De frio morre;
Se a alguém recorre,
Ninguém tem dó.

Saudade

A uma flor chamam Saudade,
Que é primor da natureza;
Mas a que nasce em meu peito
E' produção da tristeza.

Enquanto a saraiva, os Notos
Destes gelados países²³
Açoutam as plantas, cresce,
Lança profundas raízes;

Mas se um dia, transplantada,
Outro terreno buscar,
Alívio terá meu peito,
E a Saudade há-de murchar.

²³ Inglaterra, onde a Autora então se achava (Nota da 1ª edição).

Como está sereno o Céu!
Como sobe mansamente
A lua resplandecente,
E esclarece este jardim!

Os ventos adormeceram;
Das frescas águas do rio
Interrompe o murmúrio
De longe o som de um clarim.

Acordam minhas ideias,
Que abrangem a Natureza,
E esta nocturna beleza
Vem meu estro incendiar.

Mas se à lira lanço a mão,
Apagadas esperanças
Me apontam cruéis lembranças,
E choro em vez de cantar.

Sonho

Sonhos meus, suaves sonhos,
Sois melhores que a verdade;
Quando sonho sou ditosa,
Sem o ser na realidade.

Amor, tu vens nos meus sonhos
Acalmar-me o coração:
Mas, cruel! quanto prometes
Não passa de uma ilusão!

Sonhei, tirano, esta noite,
Sonhei que tu me chamavas,
E que sobre a relva branda
Tu mesmo me acalentavas.

Disseste-me: «Dorme, Alcipe,
Depõe todos teus cuidados;
Amor sobre ti vigia,
Mal podes temer os fados.»

Dormi: neste dobre sono
Me achei num palácio de ouro;
Entregaram-me uma chave
Para que abrisse um tesouro.

– «Chave mágica, sublime,
Que me vais tu descobrir?
Se é menos do que desejo,
Será melhor não abrir...»

– «Abre, Alcipe» – qual trovão
Brada o Deus que me vigia.
Acordei sobressaltada,
E abriu-se, mas foi o dia.

Cantiga patriótica, na guerra peninsular

Que intentas, Tirano?
Vencer Portugueses?
Almas generosas
Não temem reveses!

No campo da glória,
Vencendo ou vencidos,
Quais rochas constantes
Nos vês destemidos.

Se férreas cadeias
Nos prendem os braços,
Nossas almas livres
Desprezam teus laços.

A terra ensopada
No sangue mais puro,
Ao Céu justiceiro
Te acusa, perjuro!

Se tardam seus raios,
Se é lenta a vingança,
Já vem no horizonte
A nuvem que os lança.

CANTIGA

(Em 16 de Setembro de 1836)

Apenas desponta a Aurora
Despertam meus pensamentos:
Ressalta o mundo das trevas,
E anula pressentimentos.

A meus olhos dão recreio
Um monte, um vale, uma penha;
A cascata que entre rochas
Com ruído se despenha;

Relva que o chão alcatifa,
Troncos que aos Céus se levantam,
Aves que, os ares cortando,
Com seus gorjeios me encantam.

Ah! se o resto dos humanos
Pudesse esconder paixões,
Inda houveram subsistência
As suaves sensações.

Mas quais ventos furiosos
Que precedem tempestade,
Em partidos se dividem
Os membros da sociedade.

Da razão cessa o luzeiro,
Desfigura-se a beleza,
O terror seu lugar toma,
Enluta-se a Natureza.

Criador deste Universo!
Gela no peito a ternura.
Ou me acolhe nos teus lares,
Ou dissipa a desventura.

CANTIGA

Quem diz que amor é um crime
Calunia a natureza,
Faz da causa organizante
Criminosa a singeleza.

Que vejo, Céus! que não seja
De uma atracção resultado?
Atracção e amor é o mesmo;
Logo, amor não é pecado.

Se respiro, a atmosfera,
C'um fluído combinado,
É quem me sustenta a vida
Dentro do peito agitado.

Se vejo mares, se fontes,
Rio, cristalino lago,
Dois gazes se unem, formando
Águas com que a sede apago.

Uma lei de afinidade
Se acha nos corpos terrenos;
Ácidos, metais, alcális,
Tudo se une mais ou menos.

De que sou feita? – De terra;
Nela me hei-de converter:
Se amor arder em meu peito
É da essência do meu ser.

Sem que te ofenda, Razão,
Quero defender Amor;
Se contigo não concorda
Não é virtude, é furor.

SEXTINAS

QUANDO ME PENHORARAM INJUSTAMENTE TODOS OS MEUS BENS

À Fortuna

Fortuna, que me persegues!
Pequeno triunfo teus:
Eu desejo só vontades,
Tu disputas-me vinténs.
Basta-me o que me deixares,
Quando tudo me lewares.

Basta-me esta alma que tenho,
Constante como os penedos;
Bastam-me as águas das fontes,
E a sombra dos arvoredos;
Ponho-me ao fresco no Estio,
E aqueito-me, andando ao frio.

Basta-me o Sol, que não podes
Apagar, e à noite a Lua.
Se me tirares a casa,
Irei dormir para a rua.
Sopa, não me dá cuidado,
Tem muitas plantas o prado.

Se o teu rigor se estendesse
A tirar-me o meu tinteiro,
Escreveria nos troncos,
Com um prego, este letreiro:
«Vim ao mundo sem camisa,
Ninguém morrendo a precisa.»

QUADRAS

Que fiz a minha irmã

Se da sorte a mão ousada
De teus braços me arrancou,
Não pode roubar a imagem
Que a saudade em mim gravou.

Se eu e tu fôssemos duas,
Pudera a Parca sem dó
Separar-nos; mas não somos
Eu e tu mais que uma só.

Se respiro, inda respiras;
Nem tem a Parca poder
De confundir-te c'os mortos,
Enquanto Alcipe viver.

CANTATAS

Oferenda aos mortos

Aquele outeiro sombrio
Está de névoas coberto;
Escorre entre canas, perto,
Fraco e murmurando, um rio.
Naquele negro pinhal,
Como tocha funeral,
Brilha modesta candeia,
Que ao pastor pobre alumeia
Com a luz embaciada;
Vem por corvos arrastada
A Tarde;
A luz apenas das estrelas arde!...
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...
Das frestas dos edifícios
Vergonhoso mocho voa,
E com seus uivos atroa
Os Génios dos malefícios;
Saem Fadas peregrinas
A dançar sobre ruínas,
E vêm por entre perigos
Gnomos, trasgos, inimigos.
Alumeia
O pirilampo incerto esta coreia.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...
Estão todas apagadas
As luzes da *Outra-Banda*;²⁴
Pelas praças ninguém anda,
Vagam as sombras caladas.
Naquele triste convento²⁵
Dobra o sino sonolento;
O ar c'os sons esmorece.
O horizonte empalidece;
O vapor autumnal
Cobre-o de um véu fatal, Sombrio.
Suspira o vento e nasce o calafrio.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...
Vêm aflitos pensamentos,
Vêm desde Sintra queixosos,
Vagar ternos e medrosos
Ao redor de monumentos...

²⁴ Nome que vulgarmente se dá a Almada e seus arredores (Nota da Autora).

²⁵ O Convento da Boa-Morte, não longe do qual morava eu então (Nota da Autora).

A campa de Isa²⁶ alvejando,
A escuridão vai cortando...
Dorme a quieta africana...
Dormirá a raça humana...
Não rompe o mundo
Letargo tal, um sono tão profundo.
Da manhã,
Para os mortos, a graça, a luz é vã.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...
Com teu clarão moderado,
Que objecto me estás mostrando?
Que me estás afigurando,
Crepúsculo descorado?...
Sombra majestosa e cara,
Que nas mãos da Parca avara
Enches todo o meu sentido!
És tu, Arminio²⁷ querido?
Se te retrata a saudade,
Apaga as cores a realidade.
Entretanto,
O teu túmulo lava este meu pranto.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...
Sobre o teu marmóreo altar,
Onde oculto me magoas,
De plátano cinco c'roas
Venho hoje depositar.
Recebe, Arminio, a mais pura;
Duas leve-as a ternura,
De meu pranto comovida,
A Márcia²⁸, a Lília querida;
Aos dois penhores
Dos nossos tristes, doces amores,
Condoída,²⁹
Of'reço duas, of'recera a vida.
Que pavor
Espalha em todo o campo a minha dor!...

²⁶ *Isa*, moura sepultada na margem do rio de! Alcântara, cuja campa alveja e se percebe de longe (Nota da Autora).

²⁷ O Conde de Oeynhausen, marido da autora (Nota da 1ª ed.).

²⁸ Minha irmã, a Condessa da Ribeira, e minha mãe, a Marquesa de Alorna (Nota da Autora).

²⁹ Os meus dois filhos, M. Carlos, e Maria Regina, falecidos (Nota da Autora).

*Aniversário de 3 de Março*³⁰

Ao som da lira
A dor exponho,
Versos componho
Filhos da dor.

Gemendo as Musas,
Apolo em pranto
Meu triste canto
Faça escutar.

De Orfeu saudoso
O plectro invoco,
Meu peito rouco
Segui-lo quiere.

Ah! se eu pudesse,
Rompendo o Averno,
Ao sono eterno
Ir-te arrancar!...

Ah! se eu pudesse,
Qual outra Alceste,
Ao sítio agreste
Ir-te buscar!...

Iria afoita,
De ânimo forte;
Co'a mesma morte
Fora lutar.

³⁰ 3 de Março. Dia em que faleceu o Conde de Oeynhausen, marido da Autora (Nota da 1ª ed.).

HINO MATINAL

Desperta, coração! minha alma, acorda!
Ocupa-te em louvar o Ser dos Seres.
Chama-te a roxa Aurora para veres
As obras que criou o Omnipotente,
Para exaltares dele a mão clemente.

Já por detrás daquele oriental monte,
Já o esplêndido Sol, já vem subindo:
Os vales, orvalhados, vão luzindo
Co'a inundação brilhante que derrama
Sobre eles do astro belo a activa chama.

Um vapor nebuloso, lá distante,
Flutua em torno aos montes levantados;
Cobre o espaço dos lagos sossegados,
Sobe depois aos ares; vai crescendo,
E em nuvens bastas vai-se convertendo.

Meio acordada, a bela Natureza
Despe da névoa o manto, e docemente
Sorri para a manhã resplandecente,
Que, trazida dos ventos, vem baixando,
E nos floridos prados descansando.

Do seio dos frondosos troncos, rompe
Alegre bando de aves sonoras;
Rasgam do ar as plagas espaçosas,
E da luz o retorno festejando,
Vão concertos harmónicos formando.

Astro do dia! Origem bem-fazeja
Das bênçãos do Senhor, eu te saúdo!
Qual Serafim celeste, enchendo tudo
De favores, em tudo, por seu mando,
Os teus etéreos raios vens soltando.

De ti decorre, fonte interminável,
O princípio das cores, a luz pura,
Cuja torrente exalça a formosura;
O benigno calor de ti dimana,
E a força que enobrece a vida humana.

É de ti, como em trono manifesto,
Que alguns raios do Altíssimo disparam;
Do globo opaco as forças se reparam,
Abrilhanta-se o rio, as flores coram,
Orna-se a terra, os seres se vigoram.

Àquele Deus, que só contemplar podem
As celestes essências reverentes,
As frescas flores, realçando as frentes,
Os mais doces perfumes lhe dedicam,
E a seu modo também o magnificam.

Com ténues asas, sussurrando alegres,
Mil insectos aqui e ali volteiam;
O matutino orvalho saboreiam,
Giram brincando, e bem que tudo ignoram,
As leis do Criador seguem, adoram.

Que doces vêm da abóbada azulada,
De entre as folhas das árvores frondosas,
As cantigas das aves deleitosas!
A alegria, que os papos lhes dilata,
Em concertos suaves de desata.

Extasiadas formam seus gorjeios.
Monótono assobio uma ali solta
Com que o eco afinado acorda e volta,
Quando estoutra desfecha da garganta
As modulações várias com que encanta.

Quem louvarão, senão quem tudo pode?
Tua bondade sentem, bem que entregues
Ao sentir só, meu Deus, e que tu negues,
As almas brutas, asa que as levante
De tua essência à ideia relevante!

Tu porém, ó minha alma, o Senhor louva,
Que asas te deu potentes, que te lançam
Sobre tudo o que existe, e Deus alcançam
Em si mesmo, e amoroso te destina
À sociedade angélica, divina.

Se mal as tuas forças correspondem
C'ó ardor de teus desejos, balbucia
Seus louvores, enquanto alta harmonia
E dos filhos da Luz vozes sagradas
Ressoam nas esferas encantadas.

Bendito sejas, pois, que me acordaste
Para vir contemplar do novo dia
As cenas variadas de alegria;
Que me deste vigor que me conforte,
Com o sono, que é símbolo da morte!

Se inda vêm os meus olhos tuas obras,

Se inda escuto a voz doce da amizade;
Se meu corpo inda tem capacidade
Para servir minha alma, e que esta absorta
Te louva e com teu nome os ares corta;

Tua bondade, Eterno, é que o permite.
Minha existência, força, movimentos
Cumpram sempre fiéis teus mandamentos;
E no Livro da Vida resplandeça,
Junto a meus dias, este que começa.

Abençoadas horas fugitivas,
Para onde voais? À Eternidade?
Já vem chegando aquela da Verdade;
Sem a sentir, minha alma, flutuando,
Vossa mansa corrente a vai levando.

Quão breves são as horas que vivemos!
Quantas se passam, quantas! sem gozarmos,
Sem sacrifícios puros consagrarmos
A nosso Pai celeste, e despedida
Corre sem acções nobres nossa vida!

Possa do tempo a rápida carreira
Lembrar-me como a morte já me assalta;
Mostrar-me o pouco tempo que me falta
Para dispor-me a entrar com santidade
Nos domínios da vasta Eternidade!

Comunique importância a minhas obras
Tão grande pensamento; encha-me a mente
De compunção sublime e permanente;
Dê prudência às empresas de meus dias,
E santifique as minhas alegrias.

Da perfeição da minha natureza
Meus desejos aumente; e a intensidade
Aqueça em mim o amor da humanidade:
Dome a paixão que mais me desatina,
E me impede viver vida divina.

Pai dos Anjos e homens, bem conheces
O labirinto bárbaro e intrincado
Onde vago, e onde é tudo rodeado
De atractivos funestos e perigo...
Senhor! não me abandones, vem comigo!

Não posso um passo dar se não me assistes,
Se a tua mão piedosa me não guia;
Não sei seguir-te, não, qual te seguia,

Filho do Eterno, o teu Discíp'lo amado;
Ou, Madalena absorta, ir a teu lado.

Consolador Espírito Divino!
Fonte de sapiência e de verdade!
Desce em minha alma, desce, por piedade!
Quando enfraqueço, vem reanimar-me!
Quando erro, conter-me ou castigar-me!

Quando a malícia humana me revolta,
E que alheio rancor me tiraniza,
A minha alma indignada tranquiliza!
Espírito de paz, faze que acerte,
E a cólera em sossego me converte!

Se uma ofensa me fazem, põe-me à vista
Do puro Amor a imagem sanguinosa,
Salvando a raça ingrata e criminosa!
Troca-me da vingança os movimentos
Em suaves e ternos sentimentos!

Se o sopro da soberba, tenebroso,
Vier entumecer meu fraco peito,
Serena deste vento o louco efeito!
Mostra-me o lodo vil, o pó, o nada
De que a minha existência foi tirada!

Quando as Sereias do deleite venham
Com seus cânticos doces desgarrar-me,
Espírito Celeste! vem lembrar-me
Que os gostos curtos são, se os não achamos,
E, em fonte além da morte, os não buscamos!

Distribuidor dos bens! faze que eu seja
Nula para os prestígios da vaidade,
Imóvel a ameaços da maldade!
Que me atreva, entre gente depravada,
A ser justas constante, moderada!

Une-me ao teu querer, sem pejo ou susto
De que segui-lo cause o meu destroço!
Que posso desejar, que temer posso,
Se Anjos me guardam, Céus é que me esperam
E os meios de alcançá-los se me deram?

Cheia de confiança e de sossego,
Espero quanto houveres resolvido;
Pois sabes o infortúnio mais subido
Trocar em bem, e vai sempre segura
Nas tuas mãos a débil criatura.

Por entre este deserto árido e seco,
Cedo vou terminar minha viagem.
Outros tempos virão de que a passagem
Não se mede por p'ríodos solares,
Por meses, dias, horas regulares.

Séculos de delícia como instantes
Irão correndo, isentos de saudade;
Outros virão de igual felicidade,
Cheios de Deus e prémios da esperança,
Todos fartos de bem-aventurança.

ELEGIA

Amáveis solidões, bosques sagrados,
Que nas noites tranquilas livremente
Prestais um doce abrigo aos desgraçados;

De meus olhos a límpida corrente
Deixai-me desatar; suspiros, brados,
Expliquem sem receio o que a alma sente.

Tu, Cíntia, cuja luz fraca e serena
Parece que de Cária reflectira,
Não culpes o que indica a minha pena.

Se em minha alma inflamada Amor delira,
Desculpas deste mal, que um gesto ordena,
As dera Endimião, se não dormira.

Males tão novos, males tão tiranos
Vão consumindo a minha triste vida,
A doce primavera dos meus anos;

Que até tenho a memória já perdida
Daqueles suavíssimos enganãos,
De que a lembrança me era tão querida.

Aqueles prados vejo que algum dia,
Mesmo apesar da pálida tristeza,
Doiravam mil indícios de alegria;

Tão agrestes, tão cheios de aspereza,
Que só inculcam morte; nem já sinto,
De alheia, responder minha firmeza...

Um não sei quê de falso lhe pressinto
Naquela que fez meus contentamentos,
Que em chamar-lhe o meu bem não sei se minto.

Consequências fatais de uma saudade!
Que me tem a tal ponto reduzido,
Que nem sei esperar felicidade!

Vou vivendo por modo que duvido
Alguns instantes se serei já morta:
Tal anda com meus males meu sentido.

São isto extravagâncias da ventura,
Que chegam a obrigar quem, como eu, passa
A não saber se está na sepultura.

Mas sou tão costumada co' a desgraça,
Que duvido, se acaso o bem tivera,
Até que o mesmo bem me satisfaça.

Porque Fortuna vária é tão severa,
Que, se me vir ao mal habituada,
Então me dará bens que eu não quisera.

Falsos bens, falso amor e falsa glória,
Tiranos que iludis quanto imagino,
Ou vinde, ou me fugi já da memória!

Mas se ordena que eu morra o meu destino,
Dure depois da morte a tema história
Do que eu sofro por um gesto divino.

Se à Ninfa, que de amores se perdeu
Pelo Moço gentil que a desprezava,
Depois da morte a voz se concedeu,

Eu suspiro como ela suspirava,
Eu choro, e só procuro, justo Céu,
Testemunhe meu pranto o que eu chorava.

Depois de terminados os meus dias,
Neste vale se escutem meus gemidos,
Intérpretes das minhas agonias.

Os rios de meus olhos submergidos
Não sejam; respeitai, selvas sombrias,
De mim meus ais, meu pranto divididos.

Basta já, males meus! Para matar-me,
Mais nada se precisa que as lembranças
Do quanto vós sabeis atormentar-me.

Mas na perda de minhas esperanças,
Se da Parca depressa encontro o corte,
Na morte contra vós tenho as vinganças,
Pois não podeis vencer-me além da morte.

REDONDILHAS

QUADRA

De que serve, ó sorte ingrata,
Do bem passado a memória,
Se a lembrança do perdido
Torna em pena toda a glória?

GLOSA

Márcia ³¹, lá naquela serra
Todo o bem deixei contigo;
Somente veio comigo
A mágoa que o peito encerra.
Meu pranto regando a terra,
A ideia lá me arrebatava
Àquela pura cascata,
Junto à qual vivi contente;
Mas tal lembrança ao presente
De que serve, ó sorte ingrata?

Vivendo nesta espessura,
Sem ter do alívio esperança,
Uma tão doce lembrança
Faz mais grave a desventura.
Ó sorte inimiga e dura!
Basta que na triste história
Tenhas completa vitória;
A vida e a infelicidade
Me rouba, ou, por piedade,
Do bem passado a memória.

Mas se o bem que então logrei
Foi tanto, Márcia querida,
É fácil perder a vida,
Esquecê-lo não poderei.
Quanto é cruel bem o sei
Ter a perda no sentido;
Mas neste caso duvido,
Sendo um mal e outro possível,
Se é pior ser insensível,
Se a lembrança do perdido.

Ser mais triste pouco importa;
Se já perdi a esperança
De algum bem, sofra a lembrança

³¹ Minha irmã. Alude ao tempo de Sintra, em que estivemos juntas (Nota da Autora).

Deste quem o mal suporta.
A muitos tristes conforta
O gosto de antiga história;
Porém a mim tal memória
Só me acrescenta o cuidado,
Porque já meu triste estado
Torna em pena toda a glória.

APÓLOGOS

O Pirilampo e o Sapo

Lustroso um astro volante
Rompeu das humildes relvas:
Com seu voo rutilante
Alegrava à noite as selvas.

Mas de vizinho terreno
Saiu de uma cova um Sapo,
E despediu-lhe um sopapo
Que o ensopou em veneno.

Ao morrer exclama o triste:
– Que tens tu de que me acuses?
Que crime em meu seio existe?,
Respondeu-lhe: – Porque luzes?

*O Pintassilgo e o Rouxinol*³²

Um Pintassilgo imprudente
Desviou-se de seu ninho,
E nem um só grão de arpista
Encontrou pelo caminho.

Pela fome conduzido,
Entrou num bosque sombrio
Onde retinia ao longe
De um Rouxinol o assobio.

Ao doce cantor das selvas
Voou afoito e lhe disse,
Se tinha grão de sobejo
Que com ele repartisse.

– «Tenho, (respondeu polido,
O músico das florestas)
Tenho grão e sei cantigas;
Terás dele; escuta estas.»

Começou logo a cantar;
Cantou, 'té que amanheceu,
E entretanto o Pintassilgo
Foi definhando – e morreu.

³² Este apólogo foi feito em casa de uma senhora que também fazia versos, e tinha a vantagem de ser casada com um Ministro de Estado (Nota da Autora).

O Cuco e o Rouxinol

Disse um Cuco, ponderado,
A um Rouxinol, certo dia:
– «O meu canto é regulado,
Tem compasso e melodia.

São estas regras do canto
Dignas de grande atenção.
Ouve, Rouxinol, talvez
Que te aproveite a lição.»

Espaneja-se o cantor,
E em duas notas iguais
Vomitou do triste papo
– *Cucu, cucu* – nada mais.

A Filomela, sorrindo,
Respondeu numa volata,
E em torrentes de harmonia
Sufocou a voz ingrata,

Quando um quadrúpede triste,
Pelas orelhas famoso,
Começa a cantar tão alto
Que atroa o bosque frondoso.

O Rouxinol, coitadinho,
Nem mais pôde abrir o bico.
Eu também num caso destes
Nem me pico, nem despico.

O Lião e a Raposa

– «Meu Senhor! (disse a Raposa,
Falando um dia ao Lião)
Eu não sou mexeriqueira,
Mas calar-me é sem-razão.

Sabe que mais? anda um Burro
Aqui por toda a cidade
A dizer mil insolências
Contra Vossa Majestade.

Ele diz que não percebe
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandeza
Desses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é força,
E que é pouca habilidade
Quando vence facilmente
Ostentar heroicidade.»

Calou-se um pouco o Lião,
E depois, sorrindo, disse:
– «Que importa o que diz um asno?
Enfadar-se é parvoíce.»

EPIGRAMAS

A um Pregador insípido

Este pregador famoso
Põe-nos em contradição;
Vigiai – diz a Escritura,
E – durma – diz o sermão.

À un soi-disant médecin qui m'accusait d'être savante

Tu m'accuses, Docteur. Le crime est beau!
J'ai du savoir, ce mal vaut bien un autre;
Blâmez, criez, je garde mon défaut,
Et fais serment que ce n'est pas le vôtre.

*O Vale*³³

Meu coração fatigado,
E mesmo até da esperança,
Com súplicas importunas
O Destino já não cansa.

Vale, onde a infância passava
Sem me aperceber da sorte,
Dá-me asilo por uns dias,
Para esperar pela morte.

Eis essa estreita vereda
Que ao recluso Vale traz:
Eis o bosque, que me cobre
De sombras, silêncio e paz.

Dois regatos, escondidos
Entre berços de verdura,
Vão, serpeando, perder-se,
Sem nome. nesta espessura.

A fonte destes meus dias
Também assim tem corrido;
Esgota-se mansamente,
Sem regresso nem ruído.

Como a criança que embala
Do canto a monotonia,
Co' o murmúrio das águas
A minha alma adormecia.

De um verde muro cercada,
E um limitado horizonte,
Ah! como então me bastava
Ver os Céus e ouvir a fonte!

Muito vi, senti; na vida
Tudo já me sobejava:
Só do Letes o sossego
Nestes ermos invejava.

Sítios belos, convertei-vos
Nesses onde tudo esquece!
O esquecimento agora
Só ventura me parece.

³³ Imitada de Lamartine (Nota da 1ª edição).

Bem te entendo, coração;³⁴
Queres queixas exalar.
Se queres dizer que adoras,
De que te podes queixar?

Mas cala-te; não reveles
Da minha alma um tal segredo.
Os Deuses podem sabê-lo,
Mas dos mortais tenho medo.

Zéfiro brando, se encontras
Quem amo nesse retiro,
Não digas de quem, mas dize
Que não és mais que um suspiro.

E tu, plácido remanso,
Se ao pé dele vais correr,
Dize só que és pranto, e cala
Qual choro te fez crescer.

³⁴ Imitada de Metastásio (Nota da 1ª edição).

Tantas lágrimas chorei³⁵
Para teu peito abrandar,
Que ao teu rigor já te entrego,
Estou cansado de chorar.

Se o termo da vida esperas,
E' tardia essa piedade;
Que em mim se apaga a ternura,
Como em ti aumenta a idade.

Vê a pressa com que o rio
Se precipita no mar:
Assim os anos que fogem
Sabem o amor avisar.

³⁵ Imitada de Metastásio (Nota da 1ª edição).

*Ausência*³⁶

E' certo que me deixastes?
Foste tu que me fugiste?...
Ah! que o som da tua fala
Inda em meu ouvido existe!...

Como o peregrino em trevas
Vê se a manhã se levanta,
Porque entre folhas reclusa
A cotovia já canta;

Busca-te a minha saudade
Nas grutas que o vale tem;
Chamam-te as minhas cantigas...
Ah! torna, torna, meu bem!

³⁶ Imitada de Burger (Nota da 1ª edição).

Como devo, como posso³⁷
Mitigar esta paixão,
Este tumulto em que lida
Revoltoso o coração?

Como hei-de calar os gritos
Que dele saindo vão,
Se são desta dor violenta
Última consolação?

Grito, sim, é-me preciso
Dissolvê-la nos meus gritos.
Desculpe Deus meus excessos,
E Márcia, pois são delitos.

Freme qual raiva do Inferno,
No peito a dor se revolta;
Da mais elevada chama,
Que é sua origem, se solta.

Desta labareda surge
Torrente devoradora,
Cujo incêndio tudo abrasa,
E a mim mesmo me devora.

Sede, ó Deus! ó criaturas!
Testemunhas de um tal dano;
Se pode testemunhá-lo,
Sofrê-lo algum ser humano!

Bem como em masmorra escura
Geme um preso maniatado,
Que em grilhões de um peso enorme
Tem o corpo carregado;

Meu espírito assim luta;
Apalpa em torno, forceja
Por encontrar uma fenda
Onde entre a luz que deseja,

Um raio refrigerante
De esperança que o conforte;
Veda a abóbada funesta,
Que romper só pode a morte.

De multiformes ideias
Um novo terror o oprime;

³⁷ Imitada de Goethe (Nota da 1ª edição).

Todo o alívio lhe é defeso;
Desejo, esperança, é crime.

*Os dois Cisnes*³⁸

Moram dois Cisnes no mar
Que evitam com susto a praia.
Sua alvura faz cegar,
Sua luz como o Sol raia.
Entre juncos e salgueiros
Que, numa penha musgosa
Que forma a cela de um monge,
Lançam sombra pavorosa,
Esta veda a luz do dia,
E aumenta a melancolia.

Só do teto do Castelo,
De entre o musgo gotejante
Espreitando, os olhos rompem
O ambiente verdejante.
Então ao longe apercebem
Os dois Cisnes prateados,
Seus gestos, e que repousam
Com os colos enlaçados.

Quando as dunas e os outeiros
Vai prateando o luar,
Sobre o flutuante espelho
Vêm-se os cisnes navegar.
Um deles aflito vira
Para trás a vista amarga,
Como quem leva saudades
Do doce asilo que larga.

Quando o Sol nasce, desmaiam
Pela manhã as estrelas,
Toca a sineta do claustro
Das penitentes donzelas,
Então cada qual dos cisnes
Na fuga se disputa,
E com rápida carreira
Procura a sombria gruta.

Por este modo lidaram
Muito tempo nestes lares;
E a Fama já lhes chamava
Dois amantes singulares.
E' feliz quem vive amando
Em suave companhia;
Do seu bem se não separa

³⁸ Imitação do alemão (Nota da 1ª edição).

Um só instante, um só dia.

Nisto um sonoro gemido
Retiniu na praia um dia,
Motivado duma flecha
Que o peito a um deles feria.
De sangue purpúreo jorro
Pelo golpe lhe saiu,
E com ele o folgo, a vida
Para sempre lhe exauriu.

O companheiro fiel,
Junto dele vigiando,
Nem comida, nem socorro
Quis ir de alguém aceitando.
Do alvíssimo cadáver
Cobriu com junco a ferida,
E por três dias e noites
Canta a fatal despedida.

Triste Cisne! melhor fora
Acabar também agora.
Muito mais sofre que a morte
Q nem perpetuamente chora,
Q nem com olhos quebrantados
Pranteia os casos passados.

Diálogo epigramático entre um cristão e o P.^e José Agostinho de Macedo sobre o n.º 16 da «Besta Esfolada»

– Profanador do Altar! Que asneiras dizes?
De loucura assaltou-te um paroxismo?
– Não – respondeu Macedo – não estou louco,
Mas abjurei de todo o Cristianismo

– Mas o Trono que esteias com mentiras
Fica seguro assim?

– Fica seguro,
Enquanto vivo. Importa-me bem pouco
Se lhe ponho alicerces no monturo.

– Hás-de morrer. Não tens medo da morte?
Não te dá susto algum suplício eterno?

– Também não. Os diabos têm juízo,
E há boa companhia lá no Inferno.

Outro epigrama ao mesmo número da «Besta Esfolada»

Do Apocalipse a Besta é quem escreve.
Façam-lhe cruzes, ninguém tenha medo.
O que lemos aqui nos dá certeza
De que o Diabo aspire a ser Macedo.

Épître à une dame qui voulait se livrer à l'étude de l'histoire et qui trouve mauvais que je fasse des vers français, disant franchement que je ne réussirai jamais, ça peut bien être

Thémire, c'est en vain que ton esprit me blâme,
J'ignore l'art des vers, mais Apollon m'enflamme,
Le mécanisme exact d'un vers sec et limé
Veut une âme servile, un cœur inanimé.
La nature me guide, au gré de son génie,
J'invoque en bégayant le Dieu de l'harmonie;
Je m'égaré en courant, dans le sacré vallon,
Mais sans désespérer de gravir l'Hélicon.
Peut-être malgré l'art ma Muse trop pressée
Oublie une syllabe en trouvant la pensée.

Voit-on l'arrangement de nos flambeaux divers
Dans ces points lumineux qui ~parent l'Univers?
Comparez les ruisseaux de nos jardins factices
Au Rhème qui franchit les monts, les précipices,
À la chute., au fracas de ces pompeux torrents,
Qui sortent des rochers pour inonder nos champs;
Et dis-moi franchement si jamais la censure
Doit blâmer les écarts qu'on voit dans la nature?

Je suis femme; je sais que la lyre en nos mains
Rencontre trop souvent des censeurs inhumains.
D'après leur sote loi, hélas! ce qui nous reste
C'est d'aller de Paphos aux temples de Préneste.
Cet esprit si vanté qu'on nomme esprit de jeu
Est un don fortuné qui me flatterait peu.

L'amour tu le connais, inconséquent, volage,
Est le joujou du fou comme l'écueil du sage.
Je me garderai bien, près de ce dieu moqueur,
De prêter à ses tours des faiblesses et mon cœur.

Quand un essaim de maux vint fondre sur ma tête
Les vers servent alors de magiques baguettes.
Conduite par mon goût, je me plais dans les bois,
J'y chante la Nature et ses augustes bis;
Loin des yeux du vulgaire et seule avec Virgile,
Je prends de ses leçons ce qu'il dicte à Delille

Par l'effet merveilleux le charme de ce don
Je vois la grotte obscure où soupire Didon;
Je vois ces malheureux qu'Amphitrite rejette;
Junon vient à mes yeux, évoquer la tempête,
Et mon cœur, éperdu dans des transports divers,
Adore alors Cypris qui vient calmer les mers.

Voilà comme on apaise une peine cuisante.
Qu'importe au genre humain que la lyre m'enchante?
Le Ciel, à tes vertus égalant ton bonheur,
Te cacha ce moyen d'adoucir la douleur,
Mais il te donne un coeur, un coeur dont l'indulgence
Doit bien du pédantisme éviter l'arrogance.
Bien connaître les bois d'un plus heureux destin
Quand la raison s'égare, on appelle à l'instinct
L'austérité d'un sage appelle frénésie
Cette fièvre d'esprit qui brûle et vivifie.
Ne me disputez point le charme de mes jours;
C'est mon fleuve d'oubli, respectez en le cours
Je t'invite, ó Thémire, écoute la Nature,
Ces fontaines, ces eaux, dont le charmant murmure
M'endort sur ce qu'on dit, ont des charmes puissants.
Elles vont t'enivrer de l'amour des talents.
Donne l'essor, enfin à ton heureuse veine,
Viens tu vois t'abrever des eaux d'Hypocrène
Ou bit pour s'amuser, pour devenir meilleur.
Ton âme doit sentir ce qui fait ton bonheur

N'écoute pas ce goût, cette gloire équivoque
De bien narrer un fait et d'en marquer l'époque.
À quoi bon de savoir qu'un brigand fortuné
À tel an, à tel jour fut enfin détrôné?
Combien d'âmes Caron dans sa barque fatale
Recueillit en un jour des plaines de Pharsale?
La mémoire chez nous n'est pas un magasin
Que l'on doive remplir des seuls coups du destin.
Tons ces tableaux pompeux des humaines faiblesses
Accablent notre esprit d'humour et de tristesse.
L'exemple instruit – dit-on – il peut même entraîner;
Mais laissons là l'exemple et sachons le donner.

PARÁFRASE

DOS VERSOS DE SANTA TERESA DE JESUS

Amor, delícia de alma a Deus unida!
Do mesmo Deus suavíssimo atractivo,
Que o coração liberta e dá motivo
A saudades cruéis, enquanto há vida!
Tal dor causa o saber que só morrendo
De Deus pode gozar quem a Deus ama,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Quanto custa esta vida dilatada!...
Cuido que a rastros levo duros ferros.
São cárceres meus dias, são desterros,
Do bem, que tanto adoro, separada.
Vou com ânsias de amor desfalecendo;
E sem chegar ao fim, padeço tanto,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Ai que vida tão dura, tão amarga,
Sem tomar do meu Deus inteira posse!
Se o puro amor em que ardo é sempre doce,
Cansa, aflige a esperança, quando é larga.
Acode-me, Senhor! vai desfazendo
O pesado grilhão que inda me prende,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

C'ó'a certeza do bem que a morte alcança
Vou sustentando a vida; mas entendo
Que o mísero mortal só vê, morrendo,
Cumpridas as promessas da Esperança.
Responde a meus clamores, vem correndo,
Morte feliz! Não tardes, não vaciles,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida! que és tu? Suplício desumano.
Observa o vivo amor que me devora:
Perdendo-te, a existência então melhora,
E o tempo que me dás é meu tirano.
Encobrimo-me o bem que só pretendo,
Me agitas, despedaças, de tal modo,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Vida que não acaba, em Deus imersa,
Essa somente é vida verdadeira.
Enquanto não termina esta primeira,
Não se goza destoutra, tão diversa.
Porque, ó vida cruel, me estás detendo,

Se a cada instante expiro e tanto soffro,
Que me sinto morrer, por ir vivendo?

Como retribuirei tanta fineza
A Deus, que vive em mim? É pouco amá-lo;
Devo perder a vida por gozá-lo.
Se não cabe este bem na Natureza,
Foge, importuna Vida; vai cedendo
Às ditas imortais o teu domínio,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Meu Deus! que dura ausência! que tormento!
Que prolongada morte é minha vida!
Em dúvidas, em riscos submergida,
De terrores cercado o pensamento,
Muito mais do que morte estou soffrendo.
Tem dó de mim, Senhor! Eu mesma o tenho,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Qual peixe que sai de água, a quem se nega
Ir ao próprio elemento restaurar-se;
Que arqueja, sem poder nunca escapar-se,
E somente acabando é que sossega;
Assim, meu Deus, na terra vou soffrendo:
Suspiro, chamo, arquejo, e tanto tardas,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se me dás, generoso, algum alento,
No divino manjar que me sustenta,
Também se dobra a dor e me atormenta
O véu com que te encobre o Sacramento.
Quero ver-te, Senhor, e não te vendo,
Torno a desfalecer; e tanto anelo,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Porém quando, Senhor, me reanima
A esperança de ver-te e de gozar-te,
Vem um susto cruel por outra parte,
E que posso perder-te então me intima.
Posso, durando mais, ir-te perdendo?...
Que susto! que terror! Meu Deus, piedade!
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Desta vida arriscada me liberta,
Concede-me a existência desejada;
Solta-me, ó Deus! Da terra desligada,
Minha alma co'a ventura logo acerta.
Vê que do mundo nada já pretendo,
Que sem ti, ó meu Deus, viver não posso,
Que me sinto morrer, por ir vivendo.

Se são os meus pecados que demoram
Esse ditoso golpe que te peço,
Ao ver esses abismos estremeço,
E meus olhos a vida e morte choram.
Doce Amor da minha alma! vem descendo!
Abre-me o Céu, liberta-me da vida,
Que me sinto morrer, por ir vivendo!

PARÁFRASE

DO SALMO XCVII

Cantai, Povos, em metro desusado,
Do Senhor a justiça, a misericórdia,
Já que tantas maravilhas
Ele obrou por nos salvar!
Soltai suavíssimas vozes
E não cesseis de cantar!
Da sua dextra a salvação deriva,
Seu santo braço os corações cativa.

Ao mundo declarou nosso resgate;
Na presença das gentes assombradas
Revelou sua justiça,
Fez manifesta a verdade;
E, de Israel condoído,
Recordou sua piedade.
Constou quanto era Deus justo e clemente
Do norte ao sul, da aurora ao sol cadente.
A terra inteira jubilosa cante!
Com acordes e doces instrumentos
Festejemos este dia!
Siga a lira os nossos hinos,
Trompas, flautas e saltérios
Rompam os Céus cristalinos!
Em concerto geral a Natureza
Do peito expulse as sombras da tristeza!

O Senhor veio à terra; vem salvar-nos.
Perante a sua face, os seres todos
Celebrem sua presença.
Revolva-se alegre o mar,
E nas ondas brincadoras
Vejam-se os peixes saltar.
Da terra os mais remotos habitantes
Sejam deste festim participantes!

Irão correndo e as margens refrescando
Os rios; seus cristais mais puros brilhem!
Serpeando alegremente,
De novo alentando as flores,
A seu modo vão tecendo
Ao Senhor os seus louvores!
Espalhe-se a alegria sobre os montes!
Nos vales corram mais serenas fontes!
De um tal contentamento a causa é clara:
O Senhor desce e vem julgar a terra.

Cessa a funesta incerteza;
Julgará como Deus julga,
E sobre o orbe terráqueo
A justiça se promulga.
Povos que vitimava a atrocidade
Julgados só serão pela equidade.

Imitação livre de uma cantiga inglesa de Mrs. Opie

Bem que tão longo e temo amor nos ata,
Separar-nos dever altivo ordena;
Mas se lavra teu peito angústia e pena,
Dor mais acerba, mais cruel me mata.

É mudo o meu pesar – o teu discorre;
O depósito triste tocar temo...
Tu buscas gente, eu solitária gemo;
Chorar não sei, porém teu pranto corre.

Por mais votos que a tua boca faça,
Na minha alma o tormento é mais durável:
Rápida vai torrente vadeável,
Sombrio e lento um vasto rio passa.

Seleção, transcrição e revisão de Deolinda Rodrigues Cabrera, a partir da edição das *Obras Poéticas*, Lisboa, 1844, 6 vols.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
